

MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, CULTURAIS E INTERARTES
ESTUDOS COMPARATISTAS

**Religiões do Futuro:
Tensões e Confluências entre Religião e Ciência na Ficção
Científica de Roger Zelazny, Frank Herbert e Neal
Stephenson**

Joel Soares Oliveira

Setembro

2023



Joel Soares Oliveira

**Religiões do Futuro:
Tensões e Confluências entre Religião e
Ciência na Ficção Científica de Roger Zelazny,
Frank Herbert e Neal Stephenson**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, orientada pela Professora Doutora Marinela Carvalho Freitas e pelo Professor Doutor João Paulo Coutinho Guimarães

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022/2023

Sumário

Declaração de honra	4
Resumo	5
Abstract	6
Introdução	8
1. Budismo e controlo em <i>Lord of Light</i>	18
2. Messianismo e esperança em <i>Dune</i>	39
3. Transhumanismo e transcendência em <i>Fall; or, Dodge in Hell</i>	61
Conclusão	87
Bibliografia	92

Declaração de honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, dezassete de setembro de 2023

Joel Soares Oliveira

Resumo

O género de ficção-científica tem uma história complexa no que toca à sua relação com a religião. Assim como a cultura do iluminismo e da ciência que lhe serviu como inspiração, a ficção-científica manteve durante algumas décadas a representação superficial e estereotipada da religião como superstição praticada por povos menos racionais. Procurar-se-á compreender as diferentes representações da religião e das suas práticas em três obras de ficção-científica, de forma a melhor entender como essas poderão indiciar uma alteração da atitude perante a religião em alguns dos autores de ficção-científica.

Estudaremos três obras e em cada uma focaremos numa das dimensões da religião. Em *Lord of Light* (1967), de Roger Zelazny, veremos como a religião tem uma forte componente de controlo das massas, explorado através de um universo onde auto-proclamados deuses utilizam tecnologia para subjugar a população, com um sistema de ressurreição por eles controlado. *Dune* (1965), acompanhamos Paul, explorando o papel da esperança na vivência religiosa, num planeta de condições adversas, onde messianismo dos habitantes do planeta epónimo e imperialismo tecnocentrista e extractivista colidem. Por fim, com *Fall; or, Dodge in Hell* (2019) de Neil Stephenson, questionaremos o papel da tecnologia no desejo do ser humano de transcender o seu corpo e limitações físicas, desejo questionado através do pensamento teológico que a si está assido e às recentes ideias transhumanistas.

Após isto, concluímos que a representação da religião nestas várias obras espelham os preconceitos fundados nos últimos séculos de que a religião impede o desenvolvimento científico. No entanto, é possível vislumbrar subtis mudanças nessas ideias, concedendo que os sentimentos despertados pela religião são verdadeiros e não devem ser menosprezados.

Palavras-chave: ficção-científica, religião, transhumanismo, *New Wave*, contracultura

Abstract

Science fiction has a complex history regarding its relationship with religion. Throughout decades, it represented religion in a superficial and stereotypical manner, regarding it as a superstition practiced by less-rational people- view which in fact draws back to the illuminist and scientific culture that inspired the genre in question. This analysis will aim to understand the different representations of religion and its practices in three science fiction works, in order to better perceive how those may indicate an alteration of attitude towards religion in certain science fiction authors.

In each of these works, the focus will be upon one of religion's aspects. In *Lord of Light* (Roger Zelazny, 1967), we will see how it holds a strong mass-control element, explored through a universe where self-proclaimed gods use technology and a, by them, controlled system of resurrection, to subdue population. In *Dune* (Frank Herbert, 1965), we will accompany Paul to comprehend the role hope portrays in the religious living, especially in the context of a planet where survival conditions are hostile and where the messianism of its inhabitants and the technocentric and extractive imperialism clash. Lastly, in *Fall; or, Dodge in Hell* (Niel, Stephenson, 2019), we will question the role of technology relatively to the human desire of transcending one's own body and physical limitations- desire which is challenged through theological thought, associated with the more recent transhumanist ideas.

After studying the aspects exposed above, we concluded that the representation of religion in these various works reflect the preconceived view of religion as something which hinders scientific development, as it has been stated throughout centuries. However, it is possible to discern subtle changes in those ideas, observing how they sometimes admit the existence of religious sentiments which are veridic for those who feel them and, therefore, should not be underestimated.

Key-words: science fiction, religion, transhumanism, New Wave, counterculture

Introdução

Em 1626 é publicada postumamente a obra *New Atlantis* de Francis Bacon, romance utópico onde os navegantes de um navio à deriva no Oceano Pacífico descobrem e exploram a ilha de Bensalem. Posicionando-se dentro do gênero da Utopia, a visita a essa mesma ilha revela-se, acima de tudo, um pretexto para expor um modelo de organização social considerado, política e culturalmente, superior ao atual, segundo o autor. O que torna *New Atlantis* interessante é o foco colocado sobre a ciência nesta sociedade ideal.

A principal instituição em Bensalem é a Casa de Salomão, cuja função principal é a de compreender e manipular o mundo ao seu redor servindo-se do método científico, foco de muito do trabalho desenvolvido por Bacon durante a sua vida. No entanto, o aspecto que pretendo destacar no presente texto é a relação que existe entre a promoção da ciência e a presença da religião (neste caso, cristã), que surge com grande destaque nessa mesma obra. A referência a Salomão, relembrando obviamente os textos bíblicos, não é a única alusão que encontramos a conceitos/temas religiosos; a organização da sociedade é claramente inspirada pelo sacerdócio cristão, tanto na sua hierarquia como nos títulos que identificam alguns dos seus habitantes. A ciência aproxima-se, deste modo, de uma religião extremamente cerimonial, na qual encontramos uma aliança entre Deus e o método científico. O discurso da obra promove a ideia de que a ciência é aliada da religião- talvez sejam mesmo duas facetas de um só projeto- e que a estabilidade e abundância que vemos na ilha são originadas pelos milagres possíveis pelo emprego do método científico (Suvin, 1979).

Com este trabalho, pretende-se explorar a representação e tratamento da religião na literatura de ficção-científica¹, estudando três obras que representam três das questões religiosas que pretendo analisar. *New Atlantis* é um excelente ponto de partida para abordar essas problemáticas, uma vez que exemplifica como a ciência e a

¹ Salvar-se a existência de uma divisão entre o que será ficção-científica e ficção especulativa, divisão essa que não será explorada aqui. Neste trabalho, ficção especulativa, “Soft Sci-fi” ou “Hard Sci-Fi” (James & Mendlesohn, 2003), “genre science fiction” e “mainstream science fiction” (Steven Hrotic, 2014) não serão distinguidas, sendo que “Ficção-Científica” englobará todos esses gêneros.

religião têm uma relação próxima e como essa é já discutida há séculos, apesar de ser turbulenta e pouco consensual.² Simultaneamente, pertence ao gênero que, dependendo da definição, se assume como um precedente de ficção-científica, ou pode mesmo ser classificado, retrospectivamente, como sendo já ficção-científica.

Francis Bacon, como muitos antes do século XIX, encarava a religião e a prática científica como próximas da sua experiência quotidiana. A teologia admitia e promovia o estudo do mundo natural, justificando de diversas formas essa necessidade. Por seu lado, a Alquimia e o Ocultismo muitas vezes não passavam de tentativas de explicação do mundo que coincidiam com o conhecimento disponível à época, apesar de atualmente não estarem associados a um estudo científico: não podendo ser considerados ciências segundo os métodos rigorosos que vingam hoje, Alquimia e Ocultismo pertenceram durante vários séculos ao domínio da filosofia natural, ramo de conhecimento precursor ao que hoje consideramos ciência. Um dos mais importantes acontecimentos que espoletaram uma visão de conflito entre as duas dimensões foi o surgimento da “teoria do conflito”, no século XIX, segundo o qual a religião e as suas instituições ganham a reputação de impedir e prejudicar a evolução do conhecimento científico em prol das suas doutrinas supersticiosas.³ Isto deve-se sobretudo a dois autores: John William Draper e Andrew Dickson White. O primeiro, publicando *History of the Conflict Between Religion and Science* em 1874, e o segundo, com *A History of the*

² Uma perspetiva interessante e relevante acerca desta relação é a de James Bono, na sua obra *The Word of God and the Languages of Man* (1995). Bono destaca a importância da Bíblia e da sua leitura na cultura ocidental, relembrando as várias técnicas de interpretação e leitura desenvolvidas ao longo dos séculos. Argumenta também como o enfoque cada vez maior na ciência e raciocínio científico não espelha o abandono da Bíblia e da sua interpretação, antes há o surgimento de novas técnicas de leitura e interpretação dessa mesma obra. Nas palavras de Bono: “(...) While the West breaks from the rest of the world in the seventeenth century by initiating a turn away from textual traditions of commentary and exegesis, from “bookish culture” in the narrow sense, within its own cultural arena the West experienced a discursive shift very much rooted in attempts to rework and reconstitute the meaning of the Book. Old practices waned or found themselves strategically redeployed within the regime of new practices. Newly defined relationships of man, society, and nature to a divinely authored Book produced new practices, including technologies of “reading” central to the emergence of modern forms of science.” (Bono, 1995, p.6).

³ Em *Wonders and the Order of Nature* (1998), Lorraine Daston e Katharine Park explicam como na era moderna, e acima de tudo a partir do Iluminismo, começa a vingar uma ideia de ciência com base na razão como força capaz de explicar as leis e a ordem do universo. Apesar de inicialmente assente na religião, esta visão da natureza viria cada vez mais a dar aso a uma redução da ciência às suas leis, exceções e anomalias.

Warfare of Science with Theology in Christendom em 1896, criaram muitos dos argumentos que ainda hoje são utilizados para acusar a religião de impedir o desenvolvimento (Prince, 2006). Estes argumentos são falaciosos e completamente errados: a religião teve um papel importante nos avanços científicos; por exemplo, para Descartes e Newton o estudo científico tinha a dimensão de desvendar a lei divina e a obra de Deus. Só nos últimos séculos é que se criou a separação entre estes dois domínios do conhecimento, religião e ciência, considerando agora campos de conhecimentos diferentes. Retrospectivamente vemos que não existe efetivamente uma oposição entre religião e ciência, quanto mais de cariz bélico, em que um tem necessariamente de estar mais correto que o outro⁴; ambos podem coexistir, sendo que a religião e ciência podem trabalhar concomitantemente para criar conhecimento, ainda que de tipos distintos (Ferngren & Larson, 2000).

New Atlantis demonstra também como o tópico de religião está presente na ficção-científica (e nos géneros que a precederam) muito antes da chegada do século XX, que a popularizou. O género da utopia e a ficção-científica partilham muitas características, a maioria delas bastante óbvia: a construção de um mundo distinto do nosso, com novas tecnologias e culturas por e para explorar. Contudo, a ficção-científica tem o foco na sociedade imaginada e criada na obra, nas tecnologias cientificamente superiores às nossas e na evolução das tendências coevas. Posteriormente, utopia e ficção-científica tornar-se-ão um só, observando-se uma linha direta de sucessão entre ambas e vendo-se já momentos onde a religião tem um papel fundamental no género. Darko Suvin complementa estas ideias quando, na sua obra *Metamorphoses of Science Fiction* (1979), afirma que o estranhamento provocado pela descrição de acontecimentos num futuro desconhecido permite ao leitor uma nova leitura da sua própria realidade através dessa representação. Para além disso, explica que “strictly and precisely speaking, utopia is not a genre but the sociopolitical subgenre of science fiction” (Suvin, 1979, p. 61).

⁴ Contudo, a presença desta “teoria do conflito” está patente em alguns países, como por exemplo os Estados Unidos da América, onde existem grupos que se esforçam para impedir que o Big Bang e a Teoria da Evolução seja lecionada nas escolas.

O presente trabalho pretende então estudar três obras- *Dune*, escrito originalmente em 1965, de Frank Herbert; *Lord of Light*, publicado em 1967, de Roger Zelazny e *Fall; or, Dodge in Hell*, recentemente publicado em 2019, de Neil Stephenson- explorando uma das dimensões da religião que são explanadas em cada uma delas. Após termos demonstrado de que forma a religião já se encontrava presente, até certo ponto, na ficção científica, podemos começar a explicar um pouco da sua evolução nas obras do género, para que possamos enquadrar o estudo que faremos mais tarde. Importante ressaltar que os autores das três obras em estudo são de autores norte-americanos, isto porque a tese pretende incidir na tradição ocidental de ficção-científica, a qual pertence principalmente aos Estados Unidos da América. Contudo, sublinha-se que a relação entre religião e ficção-científica aqui apresentada restringe-se à cultura ocidental, o que deixa em aberto o estudo de outras tradições de ficção-científica, que sabemos existir em países orientais.

Durante os Séculos XVII e XVIII, a ficção de aventura, um dos géneros que se tornaria popular, considerado, ainda, um dos predecessores do que viria a tornar-se a ficção científica, albergava já variadas representações da religião e da sua função num determinado universo ficcional. Não era incomum que estas surgissem em forma de sátira, criticando o papel daquela na sociedade contemporânea à escrita da obra. Poderiam, por outro lado, potenciar a promoção do pensamento religioso ou de um certo movimento a que o autor pretendesse dar impulso. Ademais, podiam também assumir-se como uma simples tentativa de questionar e explorar o papel e as consequências de tais crenças e instituições numa dada sociedade (Hrotic, 2014).

Já no início do Século XX, Hugo Gernsback cria a *Amazing Stories*, a primeira *pulp magazine* dedicada principalmente à ficção-científica, iniciando-se uma longa tradição de revistas com o mesmo tema. É durante este século e através deste meio que o género que discutimos se vai pela primeira vez cristalizar e ganhar um público dedicado. Inicialmente, as histórias revelavam-se como uma tentativa de educar os seus leitores acerca dos desenvolvimentos científicos que iam ocorrendo. Neste sentido, a grande maioria dos protagonistas das narrativas de ficção científica na era *pulp* (continuando durante a chamada *Golden Age*) é, efetivamente, a Ciência. Este facto contribuía para

uma representação muito limitada da religião na generalidade de contos que eram publicados nas *pulp magazines* da época, onde a ideia de oposição entre os dois campos, científico e religioso, estava claramente demarcada e moldava as representações que poderíamos encontrar nessas narrativas, tal como é explicado em *Religion in Science Fiction: The Evolution of an Idea and the Extinction of a Genre* (Hrotic, 2014):

[In Gernsback-era science fiction] descriptions of religion (...) are limited and rather narrow. Non-scientific ways of viewing life and the world were not valued by Gernsback overmuch. When science fiction became located primarily in periodicals, “religious” motivations, moral lessons—and, indeed, any discussion of a religion with which readers might be familiar—became rare. (p. 58)

A religião é, nesta época, entendida como uma forma inferior de ver o mundo. Não é tanto um outro meio para alcançar conhecimento, ou uma crença que apela ao lado espiritual de um indivíduo, mas sim uma superstição. Aqui, as práticas religiosas opõem-se ao pensamento e método científico, as primeiras revelando-se aparentemente opostas à vocação do género de destacar a ciência. Para além disso, a religiosidade tem apenas uma existência material e superficial nos mundos criados nestas narrativas. Isto sublinha esta visão de superstição relegada à religião e nega a essa qualquer dimensão espiritual ou subjetiva que sabemos pertencer à crença e espiritualidade (James & Mendlesohn, 2003).

A religião é primariamente vista como uma relíquia de um passado longínquo, onde os problemas que esta propunha resolver foram, entretanto, solucionados através da ciência (Hrotic, 2014). Nesta linha de pensamento, a invenção de novos seres ou culturas que apresentam comportamentos religiosos são muitas vezes vistos como menos inteligentes ou num grau de desenvolvimento inferior ao dos protagonistas de uma dada obra. A religião torna-se um medidor de cientificidade entre as personagens, onde a ciência, sendo o primário atributo positivo dado a qualquer indivíduo, está menos presente entre seres religiosos (James & Mendlesohn, 2003). Ademais, numa perspetiva muito cínica das instituições religiosas, estas utilizariam a crença como uma ferramenta social, não para promover uma qualquer coesão ou sentimento de pertença, todos legítimos objetivos, mas antes como uma forma de controlar a população

conforme os desejos dos que ocupavam um lugar superior na hierarquia religiosa. Ou seja, um meio de obter algo desejado (James & Mendlesohn, 2003; Hrotic, 2014).

Apesar de tudo, quando um autor decide discutir religião ou fé numa das suas obras, um popular tipo de protagonista utilizado é o padre Jesuíta. Sendo a ordem católica ligada ao ensino e, daí, a uma postura mais científica para com o mundo criado por ação sagrada e divina, faz sentido que este seja o protótipo de protagonista religioso na ficção científica, pelo menos da primeira parte do Século XX. Deste modo:

The recurrence of Jesuits over other religious specialists makes sense. First, protagonists are predominantly cultural Westerners, so a religious specialist will likely be from a Western religion. But, given the genre's antipathy toward religion, a religious specialist will tend to be a protagonist only if the author wants to discuss religion; the chief objection to religion being its believed tendency to suppress science, the author will choose a representative of Catholicism as that religion is believed to have the strongest history in this area (think Galileo Galilei). In seeking a sympathetic example, Jesuits are a natural choice: not only do they have a history of exploration (e.g., being a primary link between China and the Western world during Europe's age of exploration), but also reputations as educators, and as wrestling with thorny theological contradictions. (Hrotic, 2014, p. 96)

Esta escolha tem também algumas raízes nos romances de aventura que precederam o género de ficção científica, onde por natureza o missionário ou outro tipo de clérigo secular, com a sua tendência de viajar e interagir com novas culturas, tinha um papel natural nestes tipos de narrativas que vivem do novo e da exploração. Não só isso, a introdução de uma personagem que contém em si duas dimensões, *a priori* conflituantes no imaginário de SF, cria uma interessante tensão entre a necessidade de lidar com problemas que forçosamente colocarão o lugar de Deus, neste caso, em questão (senão mesmo em total negação) e a crença e voto clerical entre o protagonista e as instituições religiosas a que esse recorre e dedica a sua vida (James & Mendlesohn, 2003; Small, 2001).

Esta atitude perante a religião foi dominante durante grande parte da ficção científica publicada sensivelmente na primeira metade do Século XX. No entanto, o género estaria prestes a evoluir, adquirindo novas perspetivas e técnicas narrativas, algo que é acompanhado por uma alteração também no tratamento do tema que discutimos:

Representations of religion often retained the surety that anything purportedly supernatural was probably a mistake (if not a deliberate lie) and religions continued to be presented primarily as a social tool. But subtle qualifications began to appear: religion could be more than just a tool for controlling the public; it might even have positive social and cultural influences. Religion and science remained at odds, but there appeared almost wistful desires that one could believe, and occasionally protagonists chose belief over rationality—especially since science apparently might not be able to save us from ourselves. (Hrotic, 2014, p. 84)

A reputação da ciência vai sofrer um duro golpe após a Segunda Guerra Mundial e a utilização da bomba atómica em Hiroshima e Nagasaki. A fé na ciência enquanto forma de elevar a humanidade e responder a qualquer questão desaparece devido às atrocidades que sabíamos agora poderem surgir do desenvolvimento científico. Nasce um novo interesse na espiritualidade, muitas vezes voltado para movimentos orientais dessa natureza que se distanciavam do cristianismo, dominante no mundo ocidental em que o género de ficção científica adquiriu primeiramente popularidade (Hrotic, 2014).

O desenvolvimento científico deixou de ser visto como inquestionavelmente positivo e isso leva a que haja uma reavaliação do futuro que poderemos concretizar seguindo o caminho da inquestionável evolução tecnológica. Isto está patente nas obras de ficção científica que surgem no pós-Segunda Guerra Mundial: a religião continua numa posição oposta à ciência, contudo as instituições e práticas religiosas têm agora uma representação mais positiva e surgem como solução para alguns problemas, principalmente a nível individual e subjetivo. Para as narrativas desta época, a solução para um futuro melhor seria o equilíbrio entre o uso da ciência e a crença religiosa com as suas instituições associadas. Isto alia-se à constante tentativa dos autores de ficção científica de representarem a sociedade e cultura em que se encontram, com a devida

evolução que imaginam para essa. Forçosamente a religião vai surgindo como um elemento sempre presente na cultura e política de qualquer sociedade:

Religion remains a potent social tool, as it had been in the Campbell era, but the speculations concerning the application of that tool evolved. Religion retained an antagonistic position to science, but the tension is less absolute, and a balance between the two was seen as possibly desirable. (...) Science fiction, even in its metanarratives, is not meant to tell a single story, but to explore all the possibilities given contemporary constraints. In this period, a tension between religion and science may be weaker but is still a given, and contemporary concerns with humanity's capacity and apparent willingness to destroy itself required re-interpretations of both ends of the spectrum. Representations of religion evolved, adapting to the new intellectual Zeitgeist. (Hrotic, 2014, p. 100)

O movimento *New Wave* promovia estes tipos de perspectivas, com a sua atitude de rompimento com o que até então tinha sido a ficção científica. O interesse passa da religião como uma força social e que afeta as massas para algo mais individual e introspetivo. Esta foi perdendo a sua conotação negativa, agora sendo explorada com toda a seriedade. O género deixa de trabalhar tanto com absolutos, havendo espaço para a interligação entre a dimensão científica e religiosa do ser humano. Mesmo no *Cyberpunk*, o sub-género no qual se explora um mundo do futuro remoto, dominado pela ciência e racionalidade, seria expetável que a religião se tivesse tornado obsoleta.

Julgo que esta breve contextualização do problema de religião na ficção científica servirá para demonstrar de que modo estas estão muitas vezes interligadas. A presença da religião no género que tenta representar mundos cientificamente mais desenvolvidos do que o nosso cria uma problemática acerca da necessidade desta e da sua função. Estudos já foram realizados que procuravam cristalizar uma certa história entre os dois temas e enumerar algumas obras que pudessem ser cruciais para entender tal história, destacando *Religion in Science Fiction* (2014) de Steven Hrotic e *Science and Religion: Some Historical Perspective* (2014) de John Hedley Brooke. Nesta tese iremos abordar três obras mais profundamente e perceber o que podem trazer para a reflexão

acerca de alguns aspetos religiosos. Este estudo dividir-se-á em três capítulos, cada um dedicado a um tema e a uma obra que com ele se relaciona.

Assim, o primeiro capítulo focar-se-á na capacidade de controlo social da religião. Ao realizar uma leitura e análise de *Lord of Light* (1967), de Roger Zelazny⁵, perceberemos de que forma a religião (hindu) representada nesta obra promove esse tipo de controlo. Procuraremos entender se as consequências do mesmo são positivas e/ou negativas, de que forma afeta os seus crentes e o resto da sociedade e de que forma podemos rever isso no nosso presente.

O segundo capítulo tratará de explorar o sentimento de esperança que a religião é capaz de proporcionar. Apesar de a sociedade atual, ocidentalizada e globalizada, tender a depositar a esperança na ciência- o que seria de esperar que em ficção-científica se acentuasse- na realidade existem vários exemplos nos quais os obstáculos derivados de um mundo violento ou distópico são ultrapassados (ou, pelo menos, mitigados) recorrendo à fé em forças exteriores que trabalham para atenuar a gravidade de um ambiente hostil. *Dune* (1965), de Frank Herbert⁶, retrata muito bem este aspeto, recorrendo à figura do messias e explorando como a crença é capaz de prometer um futuro melhor, mesmo nas piores condições.

Por fim, o último capítulo tratará da questão transcendência, tema muito importante no contexto religioso, uma vez que, como é do conhecimento geral, muitas são as crenças que apregoam a existência e possível obtenção desse estado. Na ficção-científica, esta questão é colocada de forma diferente, mas não por isso desenraizada destas últimas perspetivas. Dentro de algumas obras do género, é possível uma transcendência por meios tecnológicos, onde o ser humano ultrapassa os seus limites físicos tornando-se, em alguns aspetos, superior, o que trará alguns conflitos com a

⁵ Nascido em 1937, Roger Zelazny foi um importante autor de ficção científica e fantasia, sendo as suas obras mais populares o *Lord of Light* (1967) e saga *The Chronicles of Amber*, com o primeiro romance *Nine Princes in Amber* (1970). Ganhou o *Nebula Award* três vezes, assim como o *Hugo Award* seis vezes; *Lord of Light* venceu ambos.

⁶ Franklin Patrick Herbert Jr., mais conhecido como Frank Herbert, nasceu em 1920, tornando-se autor, jornalista, fotógrafo e consultor ecológico. De todas as suas obras, *Dune* (1965) venceu o *Nebula Award* e é hoje uma das obras de ficção científica mais lidas e adaptadas, tendo escrito também cinco sequelas a essa mesmo.

religiosidade. Em *Fall; or, Dodge in Hell* (2019), de Neil Stephenson⁷, o mundo físico é ultrapassado e os humanos ganham a capacidade de transcender para lá do seu corpo. Apesar disto, não impede que a religião, ou crença, interfira com um processo, na sua génese, totalmente tecnológico.

⁷ Neil Stephenson nasceu em 1959 e tornou-se um dos mais importantes escritores de ficção científica após publicar *Snowcrash* em 1992, sendo uma das obras mais importantes do movimento cyberpunk na literatura. Venceu o *Locus SF Award* com *The Diamond Age* (1995), *Cryptonomicon* (1999), *The Confusion* (2004), *The System of the World* (2004) e *Anathem* (2008). Para além de vários *Hugo Awards*, um *Clarke Award* e um *Prometheus Award*.

1. Budismo e controlo em *Lord of Light*

Durante os anos 50 e 60, perante uma sociedade pós-Segunda Guerra Mundial marcada pelo consumismo e conformismo, a contracultura dos Estados Unidos desafiava as normas por essa sociedade impostas, lutando pela liberdade, autoexpressão e direitos cívicos. Vários jovens agregavam-se em diferentes grupos tendo todos em comum a ambição de levar avante uma mudança na sociedade, atuando sobre as injustiças ocorridas no seu seio. No mundo ocidental, desde muito cedo dominado pela matriz cristã, foi durante esta década que se fez sentir mais marcadamente a presença de religiões orientais, tornadas numa alternativa e, de certo modo, numa via que contradizia a “moralidade cristã”. O hinduísmo e o budismo vão ganhando popularidade entre as camadas mais jovens ao longo da década, sendo promovidos por autores como Jack Kerouac e Allen Ginsberg, personalidades centrais na contracultura.

Neste contexto, Roger Zelazny publica a sua obra *Lord of Light* (1967), narrando a história de Sam, tripulante da nave que inicialmente terá colonizado o planeta onde a ação decorre e, simultaneamente, deus que decide destronar os seus antigos amigos, que agora regem o local. Os colonizadores iniciais estabeleceram o hinduísmo como a religião oficial, fazendo com que permanecessem no topo da hierarquia de castas através da tecnologia avançada que teria surgido no futuro. Ciência e religião misturam-se: os habitantes que não pertencem à mais alta casta não têm conhecimento de quaisquer avanços tecnológicos, vivendo numa sociedade anterior à revolução industrial. Os mitos hindus são corroborados pelas invenções e habilidades desenvolvidas através da ciência, apesar de isso não ser conhecido pela maioria da população, agora subjugada pelos seus deuses. A narrativa segue Sam ao longo da sua jornada para enfrentar estes últimos sob a bandeira do budismo, defendendo que o conhecimento e o avanço tecnológico deveriam estar nas mãos de todos os habitantes do planeta.

Lord of Light ilustra claramente a potencialidade da religião para controlar e guiar os comportamentos dos seus crentes. No presente capítulo, iremos explorar de que forma a religião é representada, como se liga às várias questões que foram introduzidas

anteriormente e, por fim, de que maneira podemos ver esta faceta de controlo ao longo do romance.

Poderemos começar por explorar um ponto que foi introduzido antes e que é dos mais pertinentes: a relação complexa entre o avanço científico e a religião. Poder-se-á mesmo argumentar que, ao longo de todo o texto, não existe uma barreira estanque entre o primeiro e a segunda: os elementos religiosos são baseados na tecnologia, ainda que desconhecida para quem os observa e o contrário é também verdade, uma vez que a tecnologia é desenvolvida sobre uma base que remete para elementos hindus, como os seus deuses, ressurreição⁸ e uma hierarquia de castas. Ao longo da obra, esta síntese dos dois é mantida de forma tão intensa que é facilmente detetada pelo leitor. O narrador utiliza uma linguagem ingénua nas suas descrições, continuando sempre com esta visão religiosa do mundo, onde dispositivos de videochamada são somente mecanismos mágicos utilizados pelos deuses para comunicar com os seus sacerdotes e a um procedimento tecnológico de leitura da mente de um determinado candidato à ressurreição não passa de um cálculo do *karma* do mesmo. As descrições são sempre interessantes devido à forma como permitem o reconhecimento do objeto relativamente familiar para um leitor atual, minimamente conhecedor da ciência e tecnologia, e, simultaneamente, mantendo o misticismo e mistério do vocabulário religioso e folclórico utilizado. As únicas observações puramente científicas chegam através de conversas entre personagens; nunca pela intervenção do narrador. Como veremos mais à frente, é claramente dada primazia à ciência e à tecnologia, sendo a religião apenas uma ferramenta, o que não faz com que seja menos interessante ver como Zelazny coloca ambas muito próximas e ecoa a conhecida frase de Arthur C. Clarke: “Any sufficiently advanced technology is indistinguishable from magic”. Tão presente está esta ideia na obra que pode ser

⁸ A ressurreição é um conceito importante no hinduísmo e budismo, relacionado com o conceito de samsara. Samsara refere-se ao ciclo de nascimento, morte e ressurreição a que os seres vivos estão sujeitos; prisioneiros deste ciclo, ligado ao sofrimento nessas religiões, as ações dos sujeitos, ou karma, ditam como serão as suas próximas vidas. Para o hinduísmo e budismo, o objetivo é escapar deste ciclo de ressurreição e sofrimento, alcançado um estado superior. Em ambas as religiões, o samsara é tanto uma forma de compreender a morte e a vida, assim como uma força que incentiva a levar uma vida moral e reta.

claramente vista no diálogo entre Tak e Yama, Deus da Morte (respetivamente), quando discutindo os seres demoníacos que poderiam ser encontrados pela floresta:

“Then I fail to see what difference it makes whether it be supernatural or not — so long as it is malefic, possesses great powers and life span and has the ability to change its shape at will.”

“Ah, but it makes a great deal of difference, you see. It is the difference between the unknown and the unknowable, between science and fantasy — it is a matter of essence. The four points of the compass be logic, knowledge, wisdom and the unknown. Some do bow in that final direction. Others advance upon it. To bow before the one is to lose sight of the three. I may submit to the unknown, but never to the unknowable. The man who bows in that final direction is either a saint or a fool. I have no use for either.” (Zelazny, 2010, p. 29)

Yama torna claro que, pelo menos na sua concepção, os demónios não são seres sobrenaturais, porque podem ser estudados e compreendidos cientificamente, através de experiências. Apesar de não sabermos de que forma estas foram feitas, o simples facto de terem sido realizadas comprova que existe algum tipo de método científico que rege as ações dos deuses. Se aplicarmos esta definição de sobrenatural a todos as dimensões da religião hindu tal como é representada na obra, verificaremos que nenhum acontecimento ou objeto pode ser sobrenatural, reforçando mais ainda a ideia que também acompanha toda a obra e que exploraremos mais à frente de que a religião instituída é somente uma ferramenta utilizada para facilitar a vida da casta mais alta e controlar as mais baixas. Por conseguinte, se procurarmos levar esta ideia a um ponto mais avançado, a religião em *Lord of Light* é essencialmente uma de “god of the gaps”, onde os deuses e explicações místicas servem somente como ideias temporárias até que a explicação científica as possa descrever completa e objetivamente. Sendo assim, o desfecho inevitável será que a religião eventualmente cessará de existir, caso a ciência encontre explicações plausíveis para todos os problemas que até então tinham sido por ela colmatados.

Contudo, a dessacralização da religião que a obra promove acaba por demonstrar a necessidade, seja individual ou cultural, do ser humano lhe recorrer. Os

deuses deste planeta decidiram, por vontade própria, instituir uma religião para estabelecer o seu lugar no topo da sociedade, algo que poderia ser alcançado através da simples vantagem tecnológica sobre os restantes habitantes. O facto de o hinduísmo ser tão eficaz a manipular e controlar as massas pode ser lido de duas formas: ou a religião é uma ferramenta poderosa em si para o controlo das massas ou os seres humanos estão fortemente predispostos a crer em algo maior do que eles próprios, independentemente da propensão de uma dada religião para desenvolver mecanismos de manipulação.

Em *Lord of Light* o papel político da religião é o que se encontra mais presente durante a narrativa e parece ser o único ponto de interesse para a grande maioria de personagens com que Sam interage ao longo da sua aventura. A teocracia que vemos instaurada no planeta e que funciona como realidade transversal a toda a diegese, levanta questões acerca da separação de Estado e religião (List, 2009). Zelazny leva adiante o argumento de que a presença ou introdução da religião nas decisões políticas não passa de uma forma de controlar essas mesmas decisões através das crenças que geralmente favorecem um determinado grupo de indivíduos. Tão forte é a máquina teocrática que vemos em ação nesta obra que os deuses fizeram com que fosse obrigatório um “scan” do cérebro para quem quisesse trocar de corpo através dos seus aparelhos de forma que fossem detetadas ideologias que não compactuassem com o que é permitido por eles. Jon Olvegg, velho amigo de Sam, observa que “the old religion is not only the religion; it is the revealed, enforced and frighteningly demonstrable religion. But don't think that last part too loudly” (Zelazny, 2010, p. 67). Já na conversa entre Ratri e Tak, após estes terem conseguido trazer Sam de volta do seu exílio, podemos constatar perfeitamente a instrumentalização da religião:

“Why else? When there is no real hope we must mint our own. If the coin be counterfeit it still may be passed.”

“Counterfeit? You do not believe he was the Buddha?”

She laughed, briefly.

“Sam was the greatest charlatan in the memory of god or man. He was also the worthiest opponent Trimurti ever faced. Don't look so shocked at my saying it,

Archivist! You know that he stole the fabric of his doctrine, path and attainment, the whole robe, from prehistorical forbidden sources. It was a weapon, nothing more. His greatest strength was his insincerity. If we could have him back...”
(Zelazny, 2010, p. 13)

Além disso, a característica que se destaca em Sam é a de ser um charlatão, o que significa que possui uma enorme capacidade de manipular os seus ouvintes e, por conseguinte, tem grande facilidade em utilizar preceitos religiosos como arma. *Lord of Light* dá continuidade às representações religiosas que víamos na “golden age”, ainda que com algumas nuances que iremos discutir. A religião enquanto algo intrinsecamente negativo e utilizado somente como forma de explorar os restantes surge já em várias outras obras de ficção científica.⁹ O que torna *Lord of Light* fulcral no que a este aspeto concerne é a própria admissão de que, apesar das várias dimensões que envolvem a vivência religiosa, esta é a que prevalece. Essa representação é levada a cabo através do hinduísmo e budismo, duas religiões que no mundo ocidental são tidas como alternativas menos dogmáticas ao cristianismo.

Sam, como personagem principal, difere, no entanto, do típico protagonista que encontramos em romances dessa época. Ele não é um cientista e, como vimos, as qualidades que o destacam dos restantes são o seu carisma e a sua habilidade para mentir. Encarna o papel do messias e de *Buddha* para que consiga combater o hinduísmo estabelecido, religião esta que previne os habitantes do planeta de terem acesso à tecnologia. Sam, apesar da sua postura cínica em relação ao hinduísmo, aceita as crenças dos outros, permitindo mesmo que o budismo que instituiu possa conviver com outras religiões- neste caso, com o próprio hinduísmo e com o cristianismo). Apesar de Sam utilizar o budismo para levar avante os seus objetivos e de se envolver na autoveiculação da sua imagem enquanto messias, tanto ele como os outros deuses admitem que o seu papel de *Buddha*, ainda que falso, acarreta consequências:

“It was considered quite carefully,” said Yama. “We did not want to make you a martyr, encouraging more than ever the growth of this thing you have been

⁹ Um exemplo claro é *Stranger in a Strange Land* (1961) de Robert A. Heinlein.

teaching. On the other hand, if you were not stopped, it would still continue to grow. It was decided, therefore, that you must meet your end at the hands of an agent of Heaven — thus showing which religion is the stronger. So, martyr or no, Buddhism will be a second-rate “religion henceforth. That is why you must now die the real death.” (Zelazny, 2010, p. 137)

Revela-se importante observar que Sam escolhe, aparentemente, o budismo devido apenas à forma como essa religião estaria predisposta a auxiliar a concretização do objetivo final que pretendia. A verdade é que Sam tem o poder de “electrodirection”, ou seja, de controlar as correntes eletromagnéticas através da mente. Com isto, Sam é capaz de aprisionar os seres indígenas do seu planeta- os Rakshasa, constituídos somente por energia-, que haviam causado problemas aos humanos no momento de chegada, tentando-lhes roubar o corpo. Somente o protagonista é capaz de manipular estes seres, utilizando os seus poderes eletromagnéticos para os selar numa gruta no topo de uma montanha. Tendo Sam realizado tudo isto mesmo antes de ter decidido encarnar a personagem de *Buddha*, não deixa de ser curioso que, tal como acontece em algumas tradições budistas (tibetanas)- que consideram que a causa do aparecimento de “zombies” se dá pela possessão do corpo por demónios, sendo necessário que os monges, através de manuais de necromancia, eliminem este tipo de problemas sobrenaturais (Cuevas, 2008, p. 96)- seja ele quem dispõe da habilidade necessária para fazer desaparecer aqueles que pretendiam tomar a forma corpórea dos invasores.

O seu messianismo¹⁰ não se enquadra com as representações que são produzidas no *New Wave* da ficção científica. Estes textos assumem claramente a natureza destrutiva e disruptiva da humanidade e a forma como as sociedades podem causar estragos ao seu redor. No entanto, aqui zela-se um pouco pela responsabilidade individual, enfatizando a forma como, através de pensamento crítico e ideais éticos, podemos alterar uma sociedade e enfrentar as instituições que nos regem (List, 2009).

O estatuto de Buddha e a ameaça de mártir só são perigosos porque Zelazny, ao longo da obra, demonstra que acredita na fé e nos sentimentos elevados que as

¹⁰ Muito semelhante ao que será atribuído a Paul Atrides, em *Dune* (Herbert, 1965).

experiências religiosas provocam nos seus crentes. Apesar dos protagonistas de *Lord of Light* manterem uma postura cínica e utilitária da religião, durante vários momentos constatamos que algumas personagens creem profundamente no que estão a experienciar. Podemos ver no próximo excerto como Yama entende claramente o quanto esses sentimentos afetam a psique humana:

“This very night, this very hour,” he said, “while the image of the act flames within their consciousness and their thoughts are troubled, the new truth will be forged and nailed into place... Sam, you have rested long enough. This thing is now yours to do. You must preach them a sermon. You must call forth within them those nobler sentiments and higher qualities of spirit which make men subject to divine meddling. Ratri and I will then combine our powers and a new truth will be born.” (Zelazny, 2010, p. 43)

Apesar do tom irónico de Yama, as expressões “nobler sentiments” e “higher qualities” parecem, aqui, serem empregues de forma sincera, admitindo-se um certo entendimento de que estes tipos de concepções são possíveis de alcançar apenas através da religião. O mesmo pode ser observado na conversa de Sam e Yama acerca do discípulo do primeiro que se sacrifica para salvar o seu mestre:

“The real Buddha was named by us” Sugata, replied the other. “Before that, he was known as Rild.”

“Rild!” Yama chuckled. “You are trying to tell me that he was more than an executioner whom you talked out of doing his job?”

“Many people are executioners who have been talked out of doing their jobs”, replied the one on the rock. “Rild gave up his mission willingly and became a follower of the Way. He was the only man I ever knew to really achieve enlightenment.” (Zelazny, 2010, p. 135)

O budismo de Sam, ainda que fundado por um charlatão que não acredita no que ele próprio prega, tem consequências que fazem com que questionemos se o que importa é o homem em si ou a forma como os seus ensinamentos afetam a vida de quem o segue, algo que é sempre colocado em causa quando discutimos figuras religiosas, mesmo as que dispõem de carácter histórico corroborado. Como veremos no próximo

excerto, Sam não parece sentir-se confortável com a posição que ocupa enquanto *Buddha*, agora que esta ultrapassou o seu papel de mera ferramenta e se tornou algo maior do que isso- uma religião com os seus próprios mitos e com um corpo significativo de crentes:

“No. I have looked upon your flames and name you Lord of Light. You bind them as you bound us, you loose them as you loosed us. Yours was the power to lay a belief upon them. You are what you claimed to be.”

“I lied. I never believed in it myself, and I still don't. I could just as easily have chosen another way — say, Nirriti's religion — only crucifixion hurts. I might have chosen one called Islam, only I know too well how it mixes with Hinduism. My choice was based upon calculation, not inspiration, and I am nothing.”

“You are the Lord of Light.”

“Go deliver my message now. We can discuss religion another day.” (Zelazny, 2010, p. 315)

Além disso, a sua oposição ao atual panteão não se baseia na religião por eles utilizada, até porque este fez o mesmo para os combater. Deriva, antes das razões pelas quais a utilizam:

“Those who look upon gods then say, without even knowing their names, ‘He is Fire. She is Dance. He is Destruction. She is Love.’ So, to reply to your statement, they do not call themselves gods. Everyone else does, though, everyone who beholds them.”

“So they play that on their fascist banjos, eh?”

“You choose the wrong adjective.”

“You've already used up all the others.”

“It appears that our minds will never meet on this subject.”

“If someone asks you why you're oppressing a world and you reply with a lot of poetic crap, no. I guess there can't be a meeting of minds.” (Zelazny, 2010, p. 191)

Lord of Light coloca estes dois pontos em tensão: a visão cínica e utilitária da religião utilizada pela casta mais alta de forma a alcançar os seus objetivos e o inevitável

misticismo em redor deste assunto, assim como a predisposição humana para crer e ser elevado por sentimentos religiosos, ainda que aquilo em que se acredita não seja propriamente sobrenatural. Sam, mais do que todos os outros, admite facilmente que o uso que fez da religião serviu os seus próprios interesses, enquanto estratégia para angariar forças para derrubar os deuses do panteão a que anteriormente pertencera. Apesar disso, não deixa de admitir e aceitar, quando vê Rid por exemplo, a vivência de uma plena experiência religiosa, que ele, reforce-se, utilizou para manipular outras pessoas.

A insistência do narrador em utilizar termos hindus alimenta esta confusão entre a máscara de religiosidade e o sentimento religioso *per se*. Ao longo do texto, são várias as personagens que utilizam termos científicos para se referirem aos vários fenómenos e invenções que vão surgindo na narrativa. Contudo, preferem sempre utilizar o termo religioso para o qual essas mesmas invenções remetem. Assim, a religião, que deveria ser apenas uma máscara para as atividades que o panteão de deuses exerce, acaba por ter uma importância muito maior do que Yama ou Brahma gostaria de fazer entender. Não só isso, o hinduísmo instituído acabou por ganhar força autónoma, tornando-se, de um certo ponto de vista, uma prisão para os deuses que necessitam agora de o alimentar e seguir determinados comportamentos para que a ordem se mantenha. Logo após Brahma ser assassinado, os seus amigos, que não puderam chorar a sua morte ou averiguar o que se teria passado sem antes preencher novamente posição vacante, exemplificam a ideia previamente explanada da seguinte forma:

“No”, said Ganesha. “The first order of business must be the selection of his successor. Even the postmortem must wait on that. Heaven must never be without a Brahma.” (Zelazny, 2010, p. 241)

A única representação que parece ser completamente irónica é a de Nirriti e, por analogia, a do cristianismo. Nirriti é um dos antigos deuses do panteão hindu que se afastou dos seus colegas por não concordar com o estabelecimento dessa mesma religião contra a religião que posteriormente encarnará. Este não vê a religião como uma ferramenta; é um crente que pretende decretar uma guerra santa contra a religião instituída e utilizar o exército de “zombies” para alcançar o seu objetivo:

“But will you help me? Over the ages I have built up a mighty force. I have men and I have machines. You say our enemies are weakened. My soulless ones — born not of man or woman — they are without fear. I have sky gondolas — many. I can reach their City at the Pole. I can destroy their Temples here in the world. I think the time is at hand to cleanse the world of this abomination. The true faith must come again! Soon! It must be soon...” (Zelazny, 2010, p. 296)

Para além de Nirriti encaixar perfeitamente no estereótipo do crente que podemos encontrar em grande parte das obras de ficção científica publicadas anteriormente ao trabalho de Zelazny, é também irónico o tipo de elementos que surgem ligados a esse. Sendo o cristianismo uma religião que preza pela pureza, o qual está associado, objetiva e metaforicamente, à existência e procura de uma “luz”, opondo-se a qualquer tipo de magia, especialmente quando esta se liga à reanimação de defuntos, Nirriti apelidado de “The Black” ou “Dark Lord”, encontra-se munido dos seus exércitos de “Souless Ones”, o que não o torna, propriamente, no missionário perfeito para um tipo de tarefa como esta. O final cómico que precede a sua morte fortalece a sátira do cristianismo: Sam e Yama, aproximando-se de Nirriti após o terem derrotado, esbofeteiam-no enquanto este continua a apregoar a sua religião, defendendo-a até que antes de morrer, num momento de desespero, pede a bênção de Sam, o falso Buddha. Zelazny claramente ataca o cristianismo (o que já fora feito várias vezes dentro do género), de forma a criticar, portanto, a religião mais popular no Ocidente. Apesar de continuar a questionar o papel do hinduísmo e do budismo na sua obra, estes têm espaço para poderem ser mais do que um engodo para as massas, o que pode ser interpretado como um sintoma do ambiente cultural e social da década de 60, que muito se deixou fascinar pelas novas religiões vindas do Oriente.

Não podemos realizar uma discussão acerca de *Lord of Light* e do seu conteúdo religioso sem ter em conta o clima cultural onde este foi escrito e publicado. Como foi dito anteriormente, durante o terceiro quartel do século XX, a contracultura surge como meio de luta contra as várias injustiças do mundo e também, de forma mais concreta, contra a guerra no Vietnam. Significa isto que, apesar de os vários grupos que integravam este movimento poderem variar nos seus objetivos e na forma como

decidiriam agir, a grande maioria detinha e promovia um forte interesse e fascínio pelas religiões orientais, introduzidas principalmente durante essa época. Este cruzamento entre culturas- neste caso concreto, entre os Estados Unidos, o budismo e o hinduísmo- foi claramente alimentado pela forçosa convivência entre povos durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, muito do interesse inicial dos Beats nestas religiões deve-se a esse fenómeno (Oliver, 2014).

Muitos dos autores associados a estes tipos de movimentos foram os responsáveis por popularizar as religiões em epígrafe mencionadas, sobretudo nos contextos que temos vindo a descrever. Jack Kerouac escrevia seriamente acerca do Budismo Zen, tentando explorar de que forma esta religião se integrava no seu dia-a-dia, devido à conceção de que o budismo tem uma dimensão de espontaneidade muito maior em relação ao cristianismo, o grande marco religioso no ocidente. No entanto, um pouco como vemos no *Lord of Light*, a conceção de budismo que Kerouac promove é um pouco superficial e errada, quando vista por especialistas e monges que estudaram o assunto durante toda a sua vida, algo pelo qual o autor acabaria por ser ferozmente questionado. Ainda que superficial, estas conceções (erradas) que vemos do budismo continuam a ter grande presença no mundo ocidental, algo que é visível também na escrita de Zelazny, apesar de este parecer compreender que está a deturpar o budismo para que melhor funcione dentro da sua obra, um pouco à semelhança do próprio Sam. Allen Ginsberg foi outro importante poeta dessa mesma geração que popularizou as religiões orientais nos Estados Unidos, assumindo-se como um importante membro na Beat Generation e na contracultura em geral. Um dos aspetos que prezava nestas religiões era a sua abertura e tolerância para com as outras que necessariamente teria de interagir. Isto está também presente no *Lord of Light*, onde Sam, como discutimos acima, é bastante tolerante com as crenças das restantes personagens e desde que lhe permita alcançar os seus objetivos, não tem dificuldades em aceitar acordos com hindus ou cristãos (Oliver, 2014).

Várias são as razões por esta popularidade nos anos 60, mas o budismo e hinduísmo enraízam-se, sobretudo, como uma forma de permitir aos jovens da contracultura aceder a uma alternativa ao dogmatismo e regras do cristianismo e

judaismo sob as quais foram criados. Funcionavam, ainda, como uma forma de explorar a sua espiritualidade na sua dimensão mais subjetiva e individual, algo que as religiões mais populares no ocidente não permitiam até então:

In terms of spirituality and an associated moral framework, young people of the 1960s did not want to be constrained within a rigid paradigm; they wanted the freedom to pick and choose from a wide range of religious practice and experience; they wanted to retain their own sense of autonomy and they wanted the self-determination to be able to change their approach to spirituality if and when they wanted. When they practiced within a particular tradition they typically wanted to try to find a direct experience of the world, the universe or the divine, rather than simply the knowledge that they had complied with certain religious injunctions. This need for subjective spiritual experience attracted them to mystical approaches such as Kabbalah or Sufism, and to Eastern religions such as Zen Buddhism or Hinduism. (Oliver, 2014, p. 32)

As características mais marcantes destas religiões- pelos menos, aos olhos da geração da contracultura- eram, deste modo, a subjetividade, a individualidade, a tolerância, o misticismo e, contrastando com o cristianismo, a liberdade. Muitas destas levaram a que vários movimentos religiosos surgissem, sempre com ligações às duas religiões orientais que temos vindo a explorar, devido, em larga medida, aos preceitos cristãos de caráter inflexível a que já aludimos. Não obstante, esta situação revela-se, no mínimo, algo curiosa, uma vez que, em contextos como o indiano, o hinduísmo, por exemplo, encontra-se na origem do sistema de castas, que oprime a maior fatia estatística da população, revelando como, dependendo da conjuntura, uma religião aparentemente mais permissiva poderá veicular (ou ter veiculado) sistemas socio-económico-políticos profundamente repressivos, categóricos e discriminatórios. Se considerarmos este contexto cultural a par da análise de *Lord of Light*, rapidamente percebemos que esta obra não tem por princípio estes preconceitos e crenças que dominavam na contracultura. Se os Beats e os Hippies apresentavam o hinduísmo como uma nova religião de aceitação, que permitia a liberdade espiritual, sexual e social, Zelazny representa essa mesma religião como uma de controlo e opressão, muito mais próximo

da forma como esses mesmo grupos veriam, por oposição, o cristianismo. O autor dá destaque ao sistema de castas que o hinduísmo promove, reforçando essa hierarquia que dependia da opressão dos que se encontram limitados nos lugares mais inferiores da mesma. A possibilidade de encontrar liberdade espiritual e felicidade através do hinduísmo, como era apregoado pela contracultura, existe num grau bastante reduzido na obra, sendo que, como já fora dito, as personagens admitem que seja possível ter experiências desse tipo através das crenças; contudo, o hinduísmo na obra acaba reduzido a uma ferramenta política e social que a elite é capaz de manipular para seu ganho pessoal, visão que era também aplicada muitas vezes, e ainda o é, ao cristianismo, devido a sua história de ligação com os mecanismos políticos e, em alguns casos, governamentais.

Poderíamos procurar uma resposta para esta representação na tentativa de enaltecer o budismo em relação, inclusive, ao hinduísmo. Sam utilizaria o primeiro como forma de derrotar o último, religião opressora para os povos do novo planeta. Zelazny estaria, desta forma, a estabelecer um nível de igualdade entre o cristianismo e o hinduísmo, entendendo por sua vez o budismo como a solução para a repressão. Contudo, o próprio uso deste por Sam é levado a cabo de forma cínica, sendo que esta religião, tão passível de ser manipulada para os interesses de Sam como o hinduísmo o é para os interesses dos deuses que o instauraram, acaba por ocupar um lugar semelhante às crenças que, inicialmente, pretende destronar. Sendo assim, não parece que haja uma tentativa de enaltecimento do budismo por parte do autor: Zelazny permite e aceita pensamentos religiosos, mas não vê a institucionalização da religião como algo obrigatoriamente positivo.

Claramente o autor não escolheu inocentemente representar o hinduísmo e o budismo, quer essa decisão tenha recaído em fatores derivados do clima cultural da sua época e/ou da pretensão de criticar a religião de forma coeva. Esta escolha teve algum objetivo. Poderia ter escolhido o cristianismo, o que seria menos interessante tendo em conta a quantidade de textos que já tratam desse tema, o que nos leva a que procuremos interpretar um pouco mais profundamente esta seleção, tentando perceber as suas consequências. A representação do hinduísmo, acima de tudo, é, como

já vimos, algo negativa. Claro que Zelazny adaptou alguns aspetos das divindades para que melhor se encaixassem na sua obra. Forçosamente, alterou alguns objetos e crenças para que pudessem ser complementados pelos instrumentos futurísticos que vão surgindo ao longo da diegese. O hinduísmo é dogmático, opressivo, contra a ciência e o bem-estar da maioria, assumindo-se como uma forma de obter poder (quer político, quer económico). O hinduísmo em *Lord of Light* logra as expectativas dos Híppies, tendo uma organização mais próxima do que seria esperado de uma religião ocidental, de matriz judaico-cristã, o que é, também, (praticamente) impossível de evitar por completo, uma vez que o ponto de partida para a análise de uma qualquer religião por parte de um autor inserido no contexto ocidental é, obrigatoriamente, esse.

Se destacarmos o clima cultural em que foi publicado, podemos ver estas representações negativas como uma forma de Zelazny colocar em perspetiva o entusiasmo relacionado com o hinduísmo e budismo, tentando aqui advertir os seus leitores em relação ao facto de, tal como aconteceu com o cristianismo, também o hinduísmo e o budismo poderem ser deturpados para o ganho de alguém que pouco ou nada se interessa em criar possibilidades de espiritualidade e subjetividade. Como vemos em Sam e Yama, isto não implica que a religião não tenha uma dimensão de honesta fé e experiências subjetivas que vão além do que a ciência pode estudar, mas que ainda assim deveremos estar atentos aos usos que delas fazem as instituições. O simples facto de uma religião parecer ocupar um lugar de extremo oposto em relação a outra não elimina o perigo de essa ser utilizada como ferramenta, tal como sucede atualmente com vários movimentos religiosos, quer consagrados no panorama histórico-cultural, quer surgidos há relativamente pouco tempo, mesmo que derivados de doutrinas profundamente consagradas. A obra *Lord of Light* retrata a religião, então, como movimento que é muitas vezes aproveitado para controlar a população e adquirir poder.

No entanto, podemos retirar uma visão mais fatalista da religião vinda desta obra. Esta insistência em representar a dimensão de controlo da religião leva a pensar que Zelazny pretenda, na verdade, desenvolver uma observação acerca do conceito de religião, enquanto inevitável ferramenta da elite. Assim como o cristianismo que, na

tradição de ficção científica, acaba muitas vezes com esse papel, e também nas várias notícias que vão chegando diariamente, o hinduísmo, sendo uma religião, será também passível de ser manipulado abusivamente. Em *Lord of Light*, a crença oficial tem a função de manter os deuses no poder, controlar a população relativamente á liberdade de pensamento, manter o desenvolvimento tecnológico no mínimo e, por fim, oferecer à população alguma forma de expressão religiosa que a distraia da sua vida quotidiana miserável e a impeça de compreender a sua posição enquanto joguetes das altas instâncias do poder. Esta obra é um excelente exemplo de como a religião tem uma capacidade de controlo muito grande dos seus crentes, seja utilizada para interesses que nada têm que ver com a crença de quem está a tomar as rédeas das instituições ditas religiosas. Neste sentido, Zelazny poderia não exatamente querer afirmar que o hinduísmo, apesar de diferente, possa ser tão perigoso como o cristianismo, mas sim que a religião, em si, mesma, pode ser facilmente manipulada por quem está no seu topo e, ainda que, mesmo que inadvertidamente, o seu dogmatismo terá tendência para impossibilitar certos pensamentos e comportamentos dos seguidores da mesma. Nesta perspetiva, a religião não é utilizada como ferramenta de controlo: a religião é, somente e em si mesma, um instrumento de manipulação, quer seja conscientemente empregue como tal ou não. Mesmo Sam, o protagonista com quem nos esperamos relacionar, admite claramente que o seu único uso para a religião é obter forças para derrotar os seus inimigos, sendo que ele próprio afirma que:

“I lied. I never believed in it myself, and I still don't. I could just as easily have chosen another way — say, Nirriti's religion — only crucifixion hurts. I might have chosen one called Islam, only I know too well how it mixes with Hinduism. My choice was based upon calculation, not inspiration, and I am nothing.” (Zelazny, 2010, p. 315)

Sam admite que utilizaria os seus seguidores para lutar, ainda que a sua doutrina fosse contra a violência. O budismo de Sam é o que o seu Buddha necessita, ou seja, os seus seguidores vão apenas realizar o que Sam quer. O controlo deste sobre o seu movimento religioso é muito superior ao que seria necessário, caso não pretendesse tomar proveito próprio da sua posição. Acrescente-se ainda que Nirriti acaba por complementar esta

representação negativa da religião. Se Sam, Yama ou Brahma pecam por não acreditarem no que apregoam, tomando proveito da sua posição para controlar as condições em seu redor, Nirriti faz o completo oposto. Este acredita piamente no cristianismo, de tal maneira que deixou para trás a sua posição de deus por não concordar com o hinduísmo que era praticado pelos seus colegas. Contudo, mesmo com sentimentos legítimos e fé, a religião acaba por ter um desfecho negativo, pois Nirriti decide que a única forma de eliminar o hinduísmo e transformar o cristianismo na grande religião daquele planeta seria através de uma “guerra santa”, pretendendo destruir ou ocupar todos os templos, forçando mesmo a população a abandonar as suas habitações devido à destruição causada pelo seu séquito de seguidores.

Podemos então concluir, de igual forma, que Zelazny, pretende, de um certo ponto de vista, demonstrar que a religião é inevitavelmente utilizada para promover os interesses menos religiosos dos que nela participam e lideram. E ainda que os sentimentos elevados sejam despertados nos crentes, o desfecho acabará por ser negativo. O autor vinca bem a importância da dimensão da manipulação que as religiões podem ter e o quão devastadora essa pode ser, caso permaneça e seja manietada pelas mãos erradas.

Lord of Light coloca várias questões à nossa concepção de religião, começando pela sua relação com a ciência e desenvolvimento científico. O grande argumento que podemos retirar após ler a obra acerca da relação entre ciência e religião é de que a religião, seja qual for, é baseada numa tentativa de explicar o mundo. No romance, as invenções de Yama são vistas como objetos e poderes religiosos apenas pelos que não conhecem a ciência por detrás de tais feitos. Todos os deuses têm uma visão cínica da vida, pois a ciência terá já alcançado o conhecimento que lhes era necessário para descartar completamente a necessidade de fé seja em que relação for. Ainda que possamos encontrar sentimentos honestos relacionados com esta última, esses só existem devido à falta de conhecimento que poderia eliminar a necessidade de a crença explicar um fenómeno observável ou sentido. Zelazny coloca a religião numa posição de “god of the gaps”, argumento comum relacionado com a necessidade da religião se adaptar ao constante desenvolvimento científico, colocando-se na posição de explicar

apenas o que a ciência é incapaz de discernir. O desfecho previsível é que a religião terá de desaparecer quando nenhum “gap” existir para preencher. O autor representa a religião somente como uma forma de preencher a lacuna no conhecimento da grande maioria dos habitantes, que terá de cessar de existir caso esse desenvolvimento científico ocorra. Esta visão é complementada pela tentativa constante dos deuses hindus de retardar o conhecimento científico, sendo claro que o seu poder só existe desde que o resto da população não seja capaz de decifrar a sua origem.

Inversamente, é a ciência que torna os deuses poderosos. Ou seja, se a religião é uma forma de explicar o mundo inferior, a ciência é a verdadeira forma de o conhecer e, por conseguinte, manipular. Mais ainda, se a ciência é a forma superior de conhecer o mundo, ou mesmo a verdadeira, a religião torna-se desnecessária. Ainda que Sam não seja o típico protagonista de ficção científica, o seu estatuto de messias baseia-se no seu desejo de possibilitar o conhecimento científico para todos os habitantes do planeta em que a narrativa se desenrola. Novamente, *Lord of Light* não defende uma visão mística ou espiritual do mundo, nem mesmo procura colocar essas como uma alternativa possível ou até necessária para o ser humano interagir com o mundo. A ciência é superior à religião, porque a religião é uma forma de “ciência” ainda muito embrionária e altamente dogmática, sobretudo quando comparada com o desenvolvimento do método científico e dos resultados comprováveis, atualmente encarados como inexoravelmente necessários à explicação de qualquer ocorrência verificável. Isto assemelha-se ao que víamos anteriormente, na “golden age”, por exemplo, quanto ao poder inabalável da ciência. Zelazny, apesar de numa forma bem mais complexa e aprofundada, remete um pouco para os temas já estabelecidos na ficção-científica. Tudo isto pode ser sumariado neste breve trecho: “I'd like to see the rest of the world, Kubera, before you manage to mechanize all the magic out of it” (Zelazny, 2010, p. 332). A capacidade de controlo é uma das maiores qualidades atribuídas à religião na obra. Tudo isto se alia muito à questão da separação da igreja e Estado que vemos ainda hoje causar problemas e que permanece ainda mais patente nos Estados Unidos, enquanto país ocidental que continua a assumir-se como laico, mas que, em vários momentos políticos importantes e cerimónias oficiais- como a própria tomada de posse do

presidente-, integra elementos religiosos de forma abertamente declarada, encarando-os inclusive, como necessários ao bom-funcionamento da nação. Neste sentido, também o hinduísmo e budismo se assumem como meios através dos quais se consegue arrecadar forças e recursos, o que se torna mais claro no final da obra, quando ambos os lados se preparam para batalhar.

Zelazny pretende tornar bem claro que os crentes são representados com possuindo uma capacidade limitada para compreender de que forma estas ideologias estão a controlar o seu comportamento e a tomar proveito das suas capacidades. Podemos ver no próximo excerto como a questão de conversão dos crentes é desprovida de qualquer possibilidade de que estes a possam rejeitar ou resistir, defendendo uma eventual crença que pudessem ter:

“The message is that the Lokapalas — these being Yama, Krishna, Kubera and myself — will ride to battle with him against the gods, bringing all our supporters, powers, and machineries to bear upon them, if he will agree not to war against the followers of either Buddhism or Hinduism as they exist in the world, for purposes of converting them to his persuasion — and further, that he will not seek to suppress Accelerationism, as the gods have done, should we prove victorious. Look upon “his flames as he speaks his answer, and tell me whether he speaks it true.”

“Do you think he will agree to this, Sam?”

“I do. He knows that, if the gods were no longer present to enforce Hinduism as they do, then he would gain converts. He can see this from what I managed to do with Buddhism, despite their opposition. He feels that his way is the only right way and that it is destined to prevail in the face of competition. I think he would agree to fair competition for this reason. Take him this message and bring me his answer. All right?” (Zelazny, 2010, p. 314)

Esta questão continua relevante nos dias de hoje, uma vez que não é incomum que diversas religiões procurem impor e levar avante os seus dogmas e crenças, apoiando-se num corpo de crentes que, não raras vezes, defende uma determinada conceção do mundo terreno e espiritual que não entende plenamente e que interioriza de forma

acrítica por meio de mecanismos de controlo continuamente fortalecidos e aprimorados. Uma dessas estratégias de controlo é a morte, ou o medo que naturalmente o assunto nos provoca. Em *Lord of Light*, observamos isto através das tecnologias de ressurreição que foram desenvolvidas no mundo de Sam, as quais oferecem a possibilidade de uma nova vida a quem siga os preceitos e ideias defendidos pela instaurada organização religiosa, a qual utiliza um procedimento de *scan* cerebral para aprovar ou negar a ressurreição de um determinado indivíduo. Isto parece uma forma de tornar literal o conceito de julgamento após ou antes da morte que vemos em várias religiões, julgamento capaz de aterrorizar os crentes e levá-los a seguir os dogmas dessa mesma religião. Bart Ehrman, em *Heaven and Hell* (2021), explica concisamente esta tendência:

Throughout history, for many people it has been the fear of torment: that when we die the justice of the Almighty will wreak vengeance on our poor souls —and possibly on new physical embodiments of our souls, created for the purpose—as we are punished for sins, disbelief, and ingratitude for the divine mercies available to us while still drawing breath. Others do not think it likely God will order demonic torments for us mere mortals, but they still fear the unknown. We are moving blindly into death, not knowing what it will be like or what to expect (...). (p. 29)

Apesar de os escritos da *New Age* tenderem já a explorar mais profundamente o impacto da crença e fé na sociedade através da religião, o protagonista Sam possui algumas nuances na forma como trata do seu papel de messias e se relaciona com a fé do outro, demonstrando alguma abertura para a aceitação de uma experiência mística através da religiosidade.

Zelazny acaba por falhar em argumentar algo mais acerca da religião, utilizando argumentos e lugares-comuns do género que já foram desgastados ao ponto de não causarem nenhum impacto. É evidente que existem instituições religiosas e personalidades que tomam proveito do seu estatuto para manipular as massas e os seus crentes de forma a ganhar, principalmente, poder económico e político. A ficção científica do início do século XXI já tinha estereotipado o lugar da religião, como foi

exposto na introdução, relegando-a a um jogo de interesses, e olhando-a como uma forma de medir a intelectualidade e desenvolvimento de um determinado grupo. Apesar de o fazer de uma forma um pouco mais complexa e aprofundada, Zelazny recorre ao mesmo argumento para secularizar o hinduísmo e lhe retirar a magia que ainda despertava muita curiosidade no mundo ocidental. Aplicar esta ideia ao cristianismo era já o que na década de sessenta tinha vindo a acontecer entre os jovens que não se identificavam com esta religião e a sua organização. Zelazny alterou o alvo da crítica para as “novas” religiões, tirando proveito de todo o deslumbramento que estas ainda provocavam no público mais jovem, utilizando todos os seus deuses e uma linguagem esotérica. Contudo a sua interpretação de religião na obra acaba por se revelar bastante superficial, pois é evidente que a experiência da religiosidade é muito variada e é capaz de criar sentimentos elevados nos seus crentes, algo que Zelazny admite, mas ao qual não confere considerável destaque. A maneira como esta questão é tratada e representada parece implicar que a religião, por si mesma, conduzirá inexoravelmente aos desenlaces negativos que têm vindo a ser explorados ao longo desta análise.

Ainda assim, *Lord of Light* demonstra claramente como as religiões organizadas são capazes de exercer a sua influência sobre os seus crentes. A obra dá-nos uma perspetiva extrema sobre este fenómeno, o que, mesmo, apesar do argumento já poder ter estado, à época coeva, algo datado, não deixa de ser relevante e passível de ser estudado. Ainda nos dias de hoje, não deixa de ser importante repensar estas questões acerca da religião, algo que a obra é capaz de realizar. É um problema fulcral do mundo atual, principalmente devido a questões eminentemente modernas, relacionados com o advento e galopante enraizamento do papel da internet no quotidiano de milhões de pessoas, realidade esta que pode ter o efeito de informar melhor e levar a que quem pretende tomar proveito das instituições religiosas seja mais facilmente detetado, ou pelo contrário, poderá servir como uma nova (e poderosa) ferramenta para propagar o controlo de massas menos informadas e mais facilmente manipuladas.

Apesar de tudo, *Lord of Light* é uma obra que exemplifica muito bem como a religião é capaz de controlar de forma basilar os seus crentes, pelo que pode ser uma

advertência para que situações semelhantes não aconteçam, algo que sabemos não ser tão fácil de evitar quanto seria desejável.

2. Messianismo e esperança em *Dune*

Religiões como o cristianismo, judaísmo e islão, fundadas nos mesmos textos sagrados, dão grande destaque à figura do messias e à promessa que esse personifica para os seus crentes. Na cultura ocidental, marcada principalmente pelo cristianismo, o conceito de messias e da ressurreição deste num futuro prometido, como entendiam as crenças milenaristas ao longo dos séculos, mantiveram a sua importância durante toda a História. No entanto, com a secularização, o messias e as suas promessas deixaram de ter um papel no futuro que o ser humano vislumbrava para si, substituído por suposições baseadas na ciência cada vez mais premente.

A nossa visão de um messias é retrospectiva, como é o caso de Jesus Cristo, ou no futuro, como alguém que está ainda por existir. Como seria então se fôssemos capazes de ver um movimento messiânico tomar forma, acompanhando o seu messias desde a sua adolescência? O que aprenderíamos e quais das nossas expectativas seriam quebradas? E se isso se passasse num futuro distante, onde o ser humano ganhou novas habilidades que desafiam as que hoje conhecemos? Essas questões e muitas outras mais foram formuladas por Frank Herbert em *Dune* (1965), obra na qual acompanhamos Paul na sua jornada para se tornar o messias de um grupo que desafia o Império que os subjuga.

O impacto cultural de *Dune* não deve ser menosprezado: desde o seu lançamento, até ao recente destaque que adquiriu devido às adaptações cinematográficas do seu enredo, foi capaz de manter uma presença fortíssima no género e fora dele, sendo uma das obras mais lidas de ficção-científica. Destaca-se pelas suas características *New Wave*, entre as quais a experimentação no estilo e a exploração de temas que não eram tipicamente abordados neste género (entre os quais a ecologia, a religião, as relações humanas e políticas), como se verificou, anteriormente, ter sido o caso no contexto de outras obras de autores seus contemporâneos. O que destaca *Dune* é a enorme atenção que dedica aos detalhes que incorporam a construção de larga magnitude do mundo que na obra é exposto. Assim como *Lord of Light*, tornou-se um livro popular no âmbito da contracultura norte-americana, devido ao destaque que oferece a questões de carácter ecológico e pela representação de drogas alucinógenas, tornando-o bastante

popular entre as camadas mais jovens. Foi uma das obras de eleição para ser estudada em ambiente escolar e académico, além de se ter assumido como a primeira das obras de ficção científica que muitos (posteriormente) aficionados leram. Para além disso, não podemos deixar de destacar que o surgimento de *Dune* enquanto obra em que os *Fremen*, inspirados nos povos do médio oriente, são figuras da maior importância é contemporâneo à presença dos Estados Unidos (e de outras potências ocidentais) nessa mesma zona geográfica, devido, sobretudo, à importância económica do petróleo que daí se extraía. *Dune* cria uma analogia entre o petróleo do médio oriente (e respetivas lutas que por esse recurso se travaram e ainda travam) e o *spice*, uma espécie de droga de difícil extração, mas que se revela essencial para o funcionamento da estrutura político-económica em que o Universo desta obra se baseia.

O mundo de *Dune* e todas as suas personagens são direta ou indiretamente motivados pela procura e consumo de *spice*- também conhecido como *melange*- substância que só existe em Arrakis, o que torna este último num dos planetas mais cobiçados por todas as casas feudais que formam o Landsaraad, que corresponde ao conjunto de todas essas mesmas grandes famílias. Paul Atreides, da casa Atreides, é o protagonista da narrativa e a figura messiânica que seguimos durante toda a obra, observando como as lendas e profecias que o envolvem influenciam largamente o desfecho das várias intrigas e guerras que rodeiam o planeta Arrakis. Paul não é proprietário de nenhuma tecnologia superior que lhe proporciona habilidades especiais, além das naves interestelares que são já lugar-comum no género. Aliás, nenhuma personagem é detentora de tal tecnologia. Em *Dune*, esta foi de tal forma proibida, devido à devastação provocada por guerras anteriores, que a única evolução para a qual há espaço ocorre diretamente no campo das capacidades humanas. Por conseguinte, os *Mentats*, homens capazes de calcular o desfecho de acontecimentos, e as *Bene Gesserit*, mulheres com capacidade de ler e manipular completamente outros humanos, desenvolvem habilidades através de treino intensivo e da promoção do desenvolvimento genético para as conseguir obter. Paul Atreides é o resultado do cruzamento entre ambos (*Mentat* e *Bene Gesserit*) tornando-o excecional e possibilitando a sua afirmação enquanto elemento de tipo messiânico, detentor

exclusivo de determinadas aptidões. O protagonista encontra-se, deste modo, apto para concretizar as profecias de vários grupos, como, por exemplo, o dos *Fremen*. Contudo, como veremos, Paul não assumirá a concepção típica de profeta.

A religião e a sua representação ao longo da obra mostram-se um pouco paradoxais, tornando o tema tão interessante durante a narrativa. Começemos por analisar, de forma mais generalizada, a religião em *Dune*, que é superficialmente representada como uma ferramenta, muito semelhante ao que temos vindo a ver ao longo da história do género de ficção científica. Paul e várias outras personagens consultam e referenciam a OC Bible (*Orange Catholic Bible*), livro que é usado como instrumento de educação e amplamente presente nas mentes das várias personagens que vão surgindo, quer de forma individual, quer coletivamente. Excluindo um ou outro excerto que referencia um Deus que possamos associar ao católico, esta “bíblia” parece constituir-se como uma aglomeração de vários preceitos retirados de outras religiões e textos sagrados, sem que exista uma preocupação em delinear claramente a crença que poderá estar envolvida. Na prática, revela-se uma fonte de provérbios e ideias cristalizadas que Paul e Jessica (mãe de Paul e um dos elementos das *Bene Gesserit*) utilizam para ilustrar e explicar algumas das suas ações e reflexões. Por consequência, adquire uma dimensão mais ligada à arte oratória, assumindo-se como um auxiliar para os discursos, do que propriamente como uma fonte de fé. As referências ao cristianismo em *Dune* são bastante escassas, salvo algumas mais ou menos dispersas. O que mais se aproxima de uma conduta ligada ao cristianismo é a representação e atitude das *Bene Gesserit*:

Elements from Catholicism provide a solid religious context for the workings of the Bene Gesserit, whose organization highlights the nature of religious manipulation in action. The name and characterization of the Bene Gesserit point to them being like Jesuits and nuns, though without need of male oversight. They wear black hooded garments, take on titles such as Sister Superior and Reverend Mother, and value service and education. They essentially cloak themselves in the guise of religion as an effective way to operate with more secrecy and secure authority. (Kennedy, 2022, p. 27)

Ainda que haja uma inspiração marcada na organização e funcionamento da Companhia de Jesus, esta permanece apenas pela estruturação e aparência das *Bene Gesserit*, uma vez que, na realidade, o grupo não tem qualquer tipo de crença. Todas as suas atividades envolvem manipulação e engano, sendo que a religião se assume como mais uma forma de controlo do que como um aglomerado organizado de ideais doutrinários, concomitantemente resultantes e potenciadores de uma fé. Se retirarmos estes elementos de nomenclatura, aparência e organização que são claramente inspirados no cristianismo, as *Bene Gesserit* aproximam-se mais ainda da manipulação do mundo físico que a ciência tanto preza. Assim como a ciência desenvolve meios para melhor manipular e subjugar o mundo que a rodeia segundo a sua vontade, também as *Bene Gesserit* o fazem, mudando a manipulação da matéria, por exemplo, pela manipulação da sociedade humana. Aqui, os desenvolvimentos científicos e tecnológicos promovidos pelas *Bene Gesserit* são por si utilizados para manipular as massas e a cultura, impondo os seus planos e ideais nessas.

Relacionado com o que acaba de ser defendido, a forma mais explícita desta instrumentalização da religião resulta das mãos das *Bene Gesserit* e da sua *Missionaria Protectiva*. Este último trata-se de um programa desenvolvido para implementar nos vários planetas habitados religiões e crenças que, mais tarde, qualquer membro do grupo poderia utilizar para seu proveito e segurança, especialmente caso se visse aprisionado ou perdido numa dessas mesmas regiões. Jessica, mãe de Paul e membro das *Bene Gesserit*, dá-nos a entender que é uma espécie de “criação sintética” de religiões, na sequência da qual se vão retirando e confundindo temas e *Bene Gesserit*, narrativas conforme a necessidade de implementação de cada um dos planetas, sendo que as *Bene Gesserit* são capazes de se adaptar a cada uma dessas variações e assegurar uma posição sagrada entre as populações:

Mapes lowered the knife. “My Lady, when one has lived with prophecy for so long, the moment of revelation is a shock.”

Jessica thought about the prophecy – the Shari-a and all the panoplia propheticus, a Bene Gesserit of the Missionaria Protectiva dropped here long centuries ago – long dead, no doubt, but her purpose accomplished: the

protective legends implanted in these people against the day of a Bene Gesserit's need. Well, that day had come. (Herbert, 2019, p. 59)

Aqui, a religião revela-se uma ferramenta essencialmente política e social. Qualquer *Bene Gesserit* poderia tomar proveito das crenças ali instaladas para que os povos fossem facilmente por si controlados e apaziguados. No entanto, a posição dessa mesma doutrina em relação aos povos controlados não é propriamente de superioridade. Os povos são manipulados, sim, mas devido à capacidade inata das *Bene Gesserit*, capacidade essa que lhes permitiria controlar qualquer ser humano que desejem. A crença em *Dune*, mesmo que introduzida para fins políticos, não é representada como inferior à ciência, ao desenvolvimento ou ao pensamento crítico, mostrando-se, antes, como uma dimensão da vida humana tão poderosa, que quando manipulada, facilmente garante um forte controlo dos seus crentes. Desta forma, como lembra Kara Kennedy, em *Frank Herbert's "Dune": A Critical Companion* (2022):

The religious influences in *Dune* create a unique blend of terminology, traditions, and beliefs based on real-world religions and philosophies—including Catholicism, Islam, Buddhism, and Taoism—with this section focusing on elements from the first two. Together, religious elements help focus our attention on the complexities of human cultures and prompt us to consider how religion can serve as a powerful political tool. (Kennedy, 2022, p. 27)

Em contrapartida, opostamente à forma como a religião é experienciada pelas *Bene Gesserit*, os *Fremen* acreditam piamente nas suas lendas e doutrina instituídas. Enquanto o grupo feminino do qual temos vindo a falar implementou religiões propagandistas, não acreditando em nenhuma, este grupo de habitantes do deserto acredita no seu próprio sistema de crenças, mesmo tendo sido este imposto na sua cultura como forma de controlo. Jessica vai explicando, à medida que ela própria vai descobrindo, de que forma as religiões e as crenças dos habitantes do deserto representam uma amalgama das várias doutrinas que as *Bene Gesserit* desenvolveram, apesar de aquela admitir que a forma única sob a qual agora estão agregadas parece ter-se desenvolvido bastante desde o seu molde introdutório. No contexto deste grupo, a religião e a ciência constituem uma unidade indissociável: os *Fremen* têm como missão

alterar o clima do seu planeta para que este possibilite a vida humana de forma mais agradável, o que é apoiado pelas suas crenças, de acordo com as quais as várias divindades parecem ter como função guiá-los para esse mesmo fim. A religião não é uma forma de explicar o mundo distinta da ciência, nem tampouco uma forma inferior de o ver e interpretar. Para estas pessoas, a religião constitui uma fonte de motivação e propósito, que lhes dá esperanças para tentar alcançar um objetivo que à primeira vista parece completamente impossível. Não só isso, as experiências religiosas que vemos Jessica e Paul vivem ao longo da obra são permitidas explicitamente pelas drogas e outras substâncias que consomem, com um funcionamento não menos compreendido pelos *Fremen*, o que não invalida para esses o seu valor espiritual. Tal está patente no pensamento de Kynes, cientista que estuda o planeta Arrakis, é também *Liet*, uma figura importante na sociedade *Fremen* e na sua própria religião, como é possível observar através deste excerto a sua compreensão científica não inibe os sentimentos religiosos:

His first encounter with the people he had been ordered to betray left Dr Kynes shaken. He prided himself on being a scientist to whom legends were merely interesting clues, pointing toward cultural roots. Yet the boy fitted the ancient prophecy so precisely. He had 'the questing eyes,' and the air of 'reserved candor.' Of course, the prophecy left certain latitude as to whether the Mother Goddess would bring the Messiah with her or produce him. Still, there was this odd correspondence between prediction and persons. (Herbert, 2019, p. 114)

Onde encontramos um paradoxo entre estas duas visões são precisamente no pensamento das personagens Kynes, Paul e Jessica. Kynes tem a ambição de transformar esse corpo astronómico, da mesma forma como os *Fremen* o querem fazer, tendo sido ele a introduzir esta ideia no seio da sua estrutura socio-cultural. Kynes compreende como a religião pode ser utilizada para manipular- ou motivar, o que me parece mais apropriado neste contexto- uma população para um determinado objetivo. No entanto, a visão de Kynes da religião é algo contraditória: enquanto este admite como essa pode ser apropriada para manipular e como é uma eficaz ferramenta política, crê claramente na que utilizou para incentivar os *Fremen*. Aqui a genuinidade da crença não parece ser o problema para que a fé seja merecida. Uma religião vai para além de

quem ou como foi introduzida numa certa população, dependendo sobretudo da forma como esta é capaz de motivar e dar esperança ao povo que nela acredita, especialmente numa situação de extrema dificuldade como acontece no deserto de Arrakis. O mesmo pode ser dito de Paul e Jessica, uma vez que ambos estão cientes de que as crenças foram moldadas e introduzidas para que os *Fremen* os tivessem aceitado e deificado da forma que o fizeram, o que não impede estes de, por momentos, acreditarem nessas mesmas crenças e sentirem a necessidade de interpretar fielmente o papel que lhes compete dentro desse grupo. Contudo, a dimensão que sobressai em Jessica e Paul¹¹ é a tentativa de utilizar e manipular a fé que neles é depositada para que possam combater e recuperar o seu lugar enquanto governadores de Arrakis.

Messianismo é um dos maiores temas na obra, tanto visto de forma positiva como negativa. Paul assume uma posição de messias de duas formas: como *Kwisatz Haderach* para as *Bene Gesserit* e como *Lisan Al-Gaib* para os *Fremen*. Segundo a definição de messias proposta por Sture Ahlberg, na sua obra *Messianic Movements* (1986), podemos classificar Paul como um messias, mesmo que a sua aceitação do cargo não seja tão definitiva como seria de esperar:

A Messiah is a person who claims to have had divine revelations and feels himself divinely chosen and commissioned to establish a new order, which will be either a return to an original state of a lost paradise or a radically new state of being, the like of which has never existed before. A Messianic movement, then, is a movement caused by people's positive response to and support of the mission of a historically present Messiah. (Ahlberg, 1986 , p.11)

Paul não teve qualquer escolha no seu papel enquanto alegado messias, o que o atormenta. Tal deveu-se unicamente ao cruzamento de linhas genéticas e circunstâncias específicas que o levam a interpretar tal papel, levando-o a que se perca na execução de um percurso que, por mais que tente, nunca consegue alterar. Mesmo quando toma proveito do seu estatuto e posição como messias entre os *Fremen* para impedir a guerra

¹¹ Poder-se-á relacionar o messianismo de Paul com a figura de Jesus Cristo histórico. Paul utiliza as crenças já existentes para reforçar o seu lugar como messias, alterando ou ignorando as que não lhe favorecem. O mesmo ocorreu com os cristãos primitivos e com a figura histórica de Jesus Cristo, realizando uma leitura seletiva do Antigo Testamento para fomentar o papel de messias.

que previu, o desfecho não se altera, chegando à conclusão fatal de que ele próprio está a tomar os devidos passos para que essa *Jihad* ocorra. Por um lado, a presença de Paul é uma fonte de esperança para as *Bene Gesserit*: a sua mãe ansiava que o seu filho fosse o escolhido para alcançar o objetivo do grupo a que pertence, algo que é imediatamente apresentado no início na obra, quando a *Reverend Mother* se apresenta na sua casa com o intuito de o testar. Esta fica surpreendida com as suas capacidades, contudo pede a Jessica para não se precipitar a tirar conclusões. A excecionalidade de Paul continua a ser reforçada ao longo da narrativa:

On impulse, Paul called to mind a quotation from the O.C. Bible, said “The gift is the blessing of the giver.”

The words rang out overloud in the still air. The Fremen escort Kynes had left in the shade of the administration building leaped up from their squatting repose, muttering in open agitation. One cried out: “Lisan al-Gaib!”

Kynes whirled, gave a curt, chopping signal with a hand, waved the guard away. They fell back, grumbling among themselves, trailed away around the building. “Most interesting,” Leto said.

Kynes passed a hard glare over the Duke and Paul, said: “Most of the desert natives here are a superstitious lot. Pay no attention to them. They mean no harm.” But he thought of the words of the legend: “They will greet you with Holy Words and your gifts will be a blessing.” (Herbert, 2019, p. 120)

Revela-se, ainda que, Paul terá sido treinado desde a infância como *Mentat* e *Bene Gesserit*, para além de ter em si genes de duas famílias inimigas, o que lhe permite, após consumir *spice* suficiente, adquirir uma capacidade mental superior, de tal forma que este é capaz de ver o futuro, calculando todas as variáveis e percebendo quais as possíveis consequências de todas as ações. São estas capacidades que mais tarde vão fazer com que os *Fremen* o vejam como o seu messias e, dessa forma, depositar nele a esperança de que o futuro por esses muito aguardado está por fim a chegar. Por outro lado, o papel de messias a que Paul se entregou é uma fonte de sofrimento para si mesmo. Não tendo alguma vez desejado deter esse papel, torna-se frustrado ao descobrir a sua proveniência e a forma como foi enganado para ser criado e treinado,

deixando-o com uma crise existencial que o leva a colocar em causa a sua própria identidade. Ainda que tenha ganho várias capacidades, perdeu qualquer possibilidade de viver uma vida saudável e comum, pois a sua mente tornou-se mais capaz do que qualquer outra:

And now he saw that he had a wealth of data few such minds ever before had encompassed. But this made the empty place within him no easier to bear. He felt that something must shatter. It was as though a clockwork control for a bomb had been set to ticking within him. It went on about its business no matter what he wanted. It recorded minuscule shadings of difference around him – a slight change in moisture, a fractional fall in temperature, the progress of an insect across their stilltent roof, the solemn approach of dawn in the starlight patch of sky he could see out the tent’s transparent end. The emptiness was unbearable. Knowing how the clockwork had been set in motion made no difference. He could look to his own past and see the start of it – the training, the sharpening of talents, the refined pressures of sophisticated disciplines, even exposure to the O.C. Bible at a critical moment ... and, lastly, the heavy intake of spice. And he could look ahead – the most terrifying direction – to see where it all pointed. (Herbert, 2019, p. 218)

Apesar das dificuldades que tal papel possa trazer para Paul, podemos analisar de que forma este é um messias para os *Fremen*- e até mesmo para as *Bene Gesserit*. O protagonista encaixa em algumas das características que Sture Ahlberg, na sua obra *Messianic Movements* (1986), considera serem essenciais para que seja considerado como tal: autoproclamar-se messias, criar um movimento messiânico, uma promessa inerente de que irá trazer uma nova organização do mundo, tendência para alterar normas e tradições, e associar-se a uma mensagem. Paul, para começar, autoproclama-se, ainda que um pouco veladamente, como *Lisan Al-Gaib*, o messias por quem os *Fremen* esperavam. Com isso, promete indiretamente que irá alterar a ordem do mundo a que pertencem, seja para retornar a uma antiga paz- o que não é o caso- ou para trazer uma nova ordem que beneficiará o seu povo. Paul, mesmo sem pretender que isso acontecesse, criou um movimento messiânico, o quem, segundo Ahlberg, se caracteriza

como “a movement caused by people’s positive response to and support of the mission of a historically present Messiah” (Ahlberg, 1986, p. 11). Paul também tem a tendência para quebrar leis e regras, algo que é associado à figura messiânica. Vemos isso na sua estadia com os *Fremen*, na forma como altera as tradições para que não necessite de abdicar ou de fazer algo, como, por exemplo, quando se recusou a realizar um duelo com Stilgar para se tornar o chefe do grupo, ainda que fosse necessário, segunda a tradição, que o antigo chefe fosse assassinado caso perdesse. Mais ainda, o messias de *Dune* tem uma mensagem associada a si, ligada à afirmação do seu estatuto como duque de Arrakis, algo que é seu por direito de nascimento, e também, de certa forma, defender o lugar dos Fremen como indígenas do planeta de *Dune*, e por isso com uma missão de recuperar o terreno do seu povo.

Ademais, não é descabido considerar que Paul tem um papel messiânico junto das *Bene Gesserit*, ainda que este seja de importância secundária e se misture com o seu papel junto dos *Fremen*. Observando com atenção, as capacidades desenvolvidas pelo protagonista advêm da procura deste grupo feminino de um homem escolhido, detentor de capacidades desenvolvidas o suficiente para ter acesso às memórias que se propagam pela linha patrilinear, o chamado *Kwisatz Haderach*. Paul assume esse papel, da mesma forma que defende, de forma aparentemente algo oposta, a alteração da ordem estabelecida, ainda que não saibamos que alteração seja essa, pois Jessica nunca revela qual o objetivo dos planos das *Bene Gesserit*, no entanto não tem propriamente uma mensagem que possamos considerar defender em relação a esse grupo.

Posto isto, o messianismo em *Dune* coloca algumas questões relativamente ao que se compreende como sendo um messias, o que é que torna um indivíduo num e de que forma o mesmo pode ser adorado por um grupo de indivíduos. Segundo o romance de Herbert, um messias, para além das características que temos vindo a explicar ao longo destes últimos parágrafos, necessita de disfrutar de dois fatores concretos: por um lado, a predisposição do seu grupo para o aceitar como tal; por outro, a vontade de se assumir como um. Antes que Paul pudesse decidir sê-lo ou não, já as *Bene Gesserit* tinham passado séculos a cultivar genes que culminaram no filho de Leto, dos Atreids, e de Jessica, dos Arkonnens, o que torna Paul um ser humano excecional desde nascença.

Da mesma forma, sem o treino de *Mentat* e de *Bene Gesserit*, também não conseguiria obter as capacidades sobre-humanas, mesmo que ingerisse, como o fez, grandes quantidades de *spice*. E por fim, se a *Missionaria Protetiva* não tivesse implantado todas as lendas que colocava Jessica e Paul num lugar de admiração entre os povos nativos de Arrakis, ambos morreriam antes de poderem ter oportunidade de ganhar poder nessa sociedade. Apesar de tudo isso, é a decisão de Paul de utilizar o seu estatuto como *Lisan Al-Gaib* que o torna efetivamente num messias, e o que leva, ainda que numa tentativa de o impedir, à *Jihad* do futuro, que o próprio prevê. Este acontecimento futuro coloca uma certa tensão entre o que Paul tem de fazer e as consequências das suas ações. Apesar de este tentar tudo para que o futuro se altere, esta mesma visão nunca desaparece, fazendo com que se possa pensar que Paul está apenas a cumprir um papel sobre o qual não tem qualquer controlo e que, mesmo sabendo que as suas ações vão provocar centenas de mortes, nada poderá fazer para o evitar:

Paul, hearing these words, realized that he had plunged once more into the abyss ... blind time. There was no past occupying the future in his mind ... except ... except ... he could still sense the green and black Atreides banner waving ... somewhere ahead ... still see the jihad's bloody swords and fanatic legions. (Herbert, 2019, p. 348)

Jihad- a palavra que surge para caracterizar e referir essa guerra impossível de travar- é um termo extremamente carregado, principalmente depois das atividades terroristas que ocorreram após a publicação da obra. Embora a sua perceção no ocidente seja de guerra e violência- o que não destoa do que é pretendido que entendamos na obra- não deixa de ser necessário entender melhor as nuances da expressão. Para isso, atentemos na definição dada e explicada em *Islam: a very short introduction*:

Jihad, like the word fatwa, is an Islamic term that has entered the contemporary lexicon, not least because of its use by modern Islamist movements such as al-Qaeda that have been actively involved in terrorism, kidnapping and other violent activities. In its primary meaning the word means 'exertion' or 'struggle', and its use in the traditional Islamic discourse is very far from being confined to military matters. The usual translation 'holy war' is therefore misleading. Many

forms of activity are included under the term. In the classical formulations the believer may undertake jihad ‘by his heart; his tongue; his hands; and by the sword’ – the foremost of these being the first. (Ruthven, 2012, p 247)

Neste sentido, *Jihad* é um termo que não significa somente “guerra santa”. *Jihad* divide-se, nas palavras de David Cook, em *Understanding Jihad* (2015), em dois tipos: a “lesser jihad” e a “greater jihad”. “Lesser jihad” é a mais conhecida no mundo ocidental e engloba o carácter mais de oposição e conquista de *jihad*. Não é necessário que seja violento ou bélico, pois considera também o confronto ideológico e discussão. No entanto, teólogos muçulmanos consideram que a “greater jihad” tem a primazia em relação à anterior; “greater jihad” referência uma luta, “struggle”, do sujeito contra si mesmo. É a necessidade de opor os impulsos e desejos que não são permitidos. Ao discutir *jihad* na obra, devemos ter em mente a complexidade do termo, que aqui é brevemente exposta, pois o seu significado foi sempre evoluindo ao longo do tempo. Podemos completar que a *Jihad*, mesmo em momentos em que é assumidamente imperial e violenta, só poderá ocorrer quando um representante autorizado dessa mesma religião considerar que um determinado inimigo ameaça todo o grupo.

Olhando para a situação de Paul e dos *Fremen*, agora contrastando com estas informações que vimos acima, podemos ver que a visão de *Jihad*, ainda que anterior aos atos terroristas que muito influenciaram a expressão nos últimos anos,¹² encerra em si mesma uma intenção e um significado de carácter violento, mais próximo da “lesser jihad”. Assim, considerando que a imagética presente nas visões de Paul é da sua bandeira verde e preta, podemos especular que as suas escolhas ao longo do romance vão, ainda que inadvertidamente, causar a divinização de si próprio e da sua família, ao ponto de levar os *Fremen* a lutar para defender a casa Atreides, ainda que esta pouco influencie o programa original de alterar a ecologia de Arrakis. A deificação de Paul e a subsequente *Jihad* que daí decorre volta a trazer o tema da religião que acaba por

¹² Ressalva-se que o termo *Jihad* é milenar e tem uma história rica, a sua associação recente ao terrorismo não demonstra as suas várias facetas e os diferentes contornos com que foi pensada e utilizada até a atualidade.

dominar quem a procurava utilizar- neste caso o próprio protagonista, catalizador do que pretende, a todo o custo, erradicar.

Deve-se destacar que o uso de *Jihad* e os futuros confrontos que acontecerão em nome de Paul têm contornos anti-imperialistas, que, como Kennedy explica, são fruto da contracultura e do paralelismo com o médio oriente que exploramos já:

There is also a clear parallel with economic imperialism in the Middle East. During the twentieth century, Western interest in the lands of the Middle East increased dramatically as oil became one of the most valuable resources. Backed by governmental support, Western businesses pursued contracts to secure a hold on petroleum reserves. Their concern was profit, not local populations or economies. In fact, there are several other elements that strengthen this connection in Dune: Arrakis as Iraq, spice as oil, and CHOAM as OPEC or other groups seeking to extract as much profit out of the sands as possible. When we examine the Emperor and House Harkonnen, we see they are driven by jealousy and a hunger for power, rather than the needs of their people. They view the Fremen disdainfully as barbarians or mongrels getting in their way. They even risk the political stability of the Imperium through their schemes on Arrakis . As the main representatives of imperial and colonial systems, the Emperor and House Harkonnen as villains signal the corruptive nature of these systems. (Kennedy, 2022, p.23)

O uso de *jihad* por Herbert apresenta-se paradoxal. O conceito parece cingir-se à sua dimensão de “lesser jihad”, o que não impede o autor de pôr em causa durante toda a obra o lado negativo e indesejado de uma conquista e oposição violenta como a que Paul prevê. Ao longo de toda a obra a visão da jihad violenta está em destaque, o motivo pelo qual Paul tenta evitar esse desfecho. Por outro lado, *jihad* nos seus contornos anti-imperialistas demonstra ser uma forma de libertação, um pouco mais próximo da ideia islâmica. Herbert demonstra e enfatiza ao longo da obra o sofrimento e desejo de mudança dos Fremen, o que nos leva a empatizar com a sua missão, ainda que essa tenha um final sangrento. Este carácter paradoxal tenta expressar a visão de Herbert,

onde *jihad* pode levar a atos violentos, morte e guerra, e simultaneamente defender um sentimento de pertença e injustiça.

A identidade dos *Fremen*, ligada também à religião, é profundamente marcada pela violência e pela guerra. Estes destacam-se principalmente pela sua capacidade de luta, sendo que até as crianças aprendem a lutar, rivalizando contra os soldados mais bem treinados do imperador. A guerra faz parte da identidade cultural, religiosa e política do grupo, não espantando que um dos seus fins seja a *Jihad* em nome de Paul, resultante do facto de este grupo extremamente religioso ter encontrado agora o messias a quem obedece. Assim como os muçulmanos que se viram, ao longo da História, constantemente envolvidos em batalhas, também este povo surge como inexoravelmente pautado por uma atitude guerreira necessária à sua sobrevivência. Por conseguinte, Paul vê-se colocado entre duas tensões: por um lado necessita da força militar que os *Fremen* possibilitam (assim como o treino e adaptação a tais cenários que predispõem já); por outro, é essa mesma adaptação e propensão para a guerra que termina sendo uma das maiores preocupações para o protagonista.

É ainda pertinente atentar na forma como a relação entre ciência (ou desenvolvimento científico) e religião se desenvolve e funciona. Em *Dune*, a linha que divide religião e ciência é relativamente difícil de discernir por várias razões, a maior sendo o facto de que a tecnologia informática- tal como computadores, robôs, IA- foi banida devido a problemas bélicos passados, como já referi. Apesar de ainda estarem presentes naves espaciais, armas avançadas, lasers e outro tipo de ferramentas que são claramente mais evoluídas em relação às que os seres humanos atualmente dispõem, o grande destaque para os avanços no desenvolvimento e evolução é feito no âmbito da mente humana e do controlo que certos indivíduos desenvolveram em relação à restante população após a proibição dos computadores foram proibidos. Tanto as *Bene Gesserit* como os *Mentats* assemelham-se a seres com superpoderes resultantes de habilidades aprimoradas ao longo de séculos, avanços esse que, de uma forma ou de outra, sabemos terem sido obtidos através do que poderíamos chamar ciência, contrastando com a religião na medida em que, neste contexto, não há fé nem superstição envolvida para que essas mudanças se verifiquem. É um processo tangível,

repetível e cognoscível. Algumas personagens representam esta posição mais científica- ou, pelo menos, menos religiosa, se preferirmos-, tal como o Barão dos Harkonnen, que despreza os *Fremen*, as suas crenças e cultura, assim como se recusa a ter uma *Bene Gesserit*, insultando-as, chamando-lhes bruxas. Este tipo de posicionamento é, inclusive, contrário até ao de Leto, que, mesmo sendo pouco crente em qualquer doutrina e possuindo um perfil principalmente voltado para questões militares, admite a importância dos *Fremen*, das suas crenças e dos seus costumes.

Contudo, o que mais se destaca é a relação desses mesmos desenvolvimentos humanos e dos rituais religiosos que encontramos dentro dos grupos *Fremen*. Podemos começar por Paul, referindo que o seu papel como messias e líder religioso está diretamente ligado aos desenvolvimentos humanos que lhe permitem observar o futuro e dimensões alternativas. Mais ainda, como muitos dos rituais *Fremen* dependem da posse dessas capacidades pelo indivíduo em causa, há tanto a infiltração da religião na ciência, como a da ciência na religião. A sociedade *Fremen* regularmente conjuga ciência e religiosidade, entreajudando-se e sendo mutuamente promovidas. Como nos é dito ao longo da obra várias vezes, tendo aprimorado a tecnologia (como, por exemplo, com a invenção dos *stilsuits*, que permitem reciclar toda a água do corpo) os *Fremen* são um povo extremamente versado na criação e manutenção de ferramentas. Não só isso, os seus rituais envolvem substâncias que são criadas por estes e que provocam sentimentos elevados religiosos na população e/ou requerem um domínio das capacidades humanas tão desenvolvidas como as das próprias *Bene Gesserit*. Também o objetivo de transformar a superfície de Arrakis num ambiente habitável para os seres humanos constitui-se como uma tarefa altamente técnica e científica, o que não impede que seja incorporada nas crenças dessa cultura. Os *Fremen* encontram e fabricam dimensões religiosas em todos os seus comportamentos e atividades, desde os rituais- como acontece quando Jessica tem de transformar a água detetando os componentes tóxicos e eliminando-os, de forma a comprovar a sua divindade- até ao consumo de *spice* e consequentes efeitos, que não vistos apenas como reações químicas no cérebro, mas também como experiências religiosas que todos têm em conjunto e que promovem uma coesão social superior. Na sociedade *Fremen*, ciência e religião estão em harmonia, a

primeira permitindo que a religiosidade seja vivida totalmente, tornando-se um fator motivador para a população ao oferecer um objetivo que impede a competição dentro do grupo. Sendo os Fremen inspirados nos árabes beduínos, os quais são maioritariamente islâmicos, e devido às influências do Islão na cultura dos Fremen, como o uso de *Jihad* e de alguns termos aí originados, podemos estabelecer um paralelo com o mundo islâmico, no qual o desenvolvimento científico foi, no passado, altamente motivado pela religião. A religiosidade não é uma barreira, como poderíamos hoje pensar devido aos extremismos ligados ao islamismo que tanta controvérsia tem gerado, mas sim um dos constituintes de uma relação simbiótica, da qual o outro elemento é a atitude científica.

Outro aspeto que é importante contrastar com o atual islamismo é a percepção destes assuntos vistos por uma cultura exterior, como acontece com a visão que o Ocidente tem em relação ao Médio Oriente. Tal assemelha-se à atitude do Barão Harkonnen, que desprezava o engenho dos *Fremen* e as suas capacidades devido às suas atividades e crenças religiosas, que como vimos não impedem o desenvolvimento científico, visto que neste caso até o promovem. Dessa mesma forma, o islamismo é erradamente julgado no que toca ao seu papel na ciência, como Alnoor Dhanani, em *The History of Science and Religion in the Western Tradition* (2015), o que remonta ao que foi dito acima:

The decline of scientific activity is thus a complex phenomenon, but it is usually seen by historians through the lens of the seventeenth-century scientific revolution in Europe. The question has been raised whether religious opposition to science inhibited such a scientific revolution in Islam, given the otherwise high level of scientific achievement. But the premise of this question—that successful scientific activity must lead to a scientific revolution like that of the seventeenth century in Europe—is invalid and introduces misleading hypothetical conjectures.

The relationship of religion and science in the Islamic milieu is complex. That the scientific enterprise in Islam reached the remarkable level of achievement it did shows that science was a valued endeavor. On the other hand, it is also clear that

there was opposition to science and that science did, indeed, subsequently decline. (Ferngren & Larson, 2015, p 1103)

Desde a publicação de *Dune*, várias tentativas houveram para a sua adaptação televisiva ou cinematográfica. Contudo, ainda que existisse a vontade de o fazer, a complexidade da obra, devido ao *world-building* e às impossibilidades técnicas de representar seres tão gigantescos como as *sandworms* e desertos sem fim, levou a que só algumas décadas depois da publicação original da obra surgissem adaptações que almejassem representar um pouco da grandeza que lemos. Em 1984, David Lynch realiza a sua própria adaptação, com uma fraca receção pela crítica. Em 2000, John Harrison realizou uma minissérie de TV, com uma melhor receção do que a primeira adaptação, mais próxima do romance que lhe deu origem, mas ainda assim com dificuldades de adaptar uma obra tão densa para um outro meio artístico. Já em 2021, estreia *Dune* (ou *Dune: Part One*) realizado desta vez por Denis Villeneuve, responsável por dois dos grandes filmes de ficção científica da última década- *Bladerunner 2049* e *Arrival*. Este filme é inequivocamente responsável por apresentar o romance a um público mais alargado e por colocar *Dune* numa posição de destaque na cultura pop, que até então tinha vindo a declinar. Foi bem recebido pelo público e pelos críticos, ganhando alguns óscares, como Melhores Efeitos Especiais e Melhor Cinematografia, sendo agora considerado um dos melhores filmes de ficção científica dos últimos anos.

Não obstante, o romance e este último filme divergem bastante na representação (ou falta dela) que fazem da religião ao longo da narrativa. É inegável que alterações serão necessárias para adaptar uma obra escrita para uma obra audiovisual, o que afeta bastante a estrutura e apresentação do mundo de Arrakis na tela de cinema. Herbert dedica grande parte do seu tempo a expor, através de diálogos e monólogos, o mundo que rodeia as personagens, as alterações que vão ocorrendo e as intrigas que se ocultam por entre o enredo, facto que torna o romance carregado de diálogos longos e contínuos, bem como de explicações demoradas. Isto contrasta com os objetivos que claramente Villeneuve tinha para a sua adaptação, procurando um espetáculo visual, ao invés de se alongar com sequências dialógicas compridas que naturalmente pertencem mais ao mundo da escrita do que ao mundo do cinema.

Além disso, este filme mais recente diminui inadvertidamente a presença da religião ao longo da sua narrativa. A versão de Villeneuve adapta a obra até ao momento em que Paul é protegido pelos *Fremen*, que o levam para o seu *sietch*. Esta parte inicial da narrativa não cobre os acontecimentos mais claramente religiosos que ocorrem: Jessica não se torna ainda “*Reverend Mother*”, Paul não assume completamente o papel de messias, despertando já as suas capacidades sobre-humanas, temos apenas vislumbres do movimento messiânico que se vai gerar em torno de Paul. Apesar de tudo, a religião, o messianismo e a ideia de *Jihad* estão já presentes em alguns momentos da narrativa abordada, ainda que de forma menos aprofundada devido às circunstâncias que descrevemos acima.

Muito semelhante a isto é a variedade de diálogos, monólogos e pequenos comentários que vão sendo realizados pelas várias personagens. Um romance como *Dune*, repleto de diálogo e intriga política, vai tomar proveito do meio escrito para explicar ao leitor tudo o que ocorre, as várias intenções das personagens, as informações a que cada uma tem acesso, e muito mais. Villeneuve, juntamente com Jon Spaihts e Eric Roth, fez com que muitos desses diálogos fossem cortados do argumento do seu filme, algo que forçosamente teria de acontecer para que fosse possível a adaptação. Contudo, no que toca à expressão da religiosidade em *Dune*, a diminuição de diálogo afeta as nuances do tema, da sua representação e da das personagens que com ele interagem. A referência à religiosidade dos *Fremen* em várias conversas ao longo da obra, os comentários religiosos que Kynes faz na sua mente enquanto cientista oficial do Imperador e autoridade científica no planeta, a surpresa expressa brevemente em vários momentos por Paul e Jessica quando deparados com rituais e a sua inescapável importância entre o povo em que agora se encontram tornam-se bastante mais escassas e superficiais.

No romance encontramos, em epígrafe de cada capítulo, excertos de vários livros fictícios que terão sido escritos para contar a história Paul, no futuro. Em vários destes excertos vemos afirmações que questionam e descrevem a religião, seja na forma como surge entre os *Fremen*, como Paul a utiliza, discutindo a *Missionaria Protetiva* das Bene Gesserit e até mesmo afirmações gerais sobre o seu papel na sociedade. Estes excertos

têm um papel importante no *world-building*, não só no que toca à religiosidade, mas também para melhor compreender as intenções das personagens, assim como os vários grupos que participam nos acontecimentos. A inexistência de tais excertos diminui consideravelmente a presença da religião como um problema ou uma força social no filme de Villeneuve, visto que tais epígrafes marcam um pouco a forma como leremos o que se segue. Ao retirar estas referências religiosas, muita da carga espiritual não tão aparentemente expressa ao longo do capítulo é perdida no filme.

É necessário sempre cautela quando tentamos comparar uma obra com a sua adaptação, já que as necessidades e valências de diferentes meios obrigam a métodos e técnicas que a esses estejam relacionados. *Dune*, a obra cinematográfica, assume-se como uma boa transposição medial, o que não significa que não se tenham perdido temas que surgiam no romance, assim como ganho uns tantos mais. Contudo, para o que discutimos, podemos argumentar que a preocupação religiosa que Herbert expressou no seu romance não está presente com a mesma importância que estava na obra de origem: no filme, pelo menos nesta primeira parte, a religião serve apenas como mais uma cor para colorir o fundo onde o maior acontecimento é à base dos Atréides e a fuga de Paul com a mãe. Temas como a preocupação ecológica, a que o autor dedica em parte o livro, ou as problemáticas políticas e religiosas que temos vindo a explorar não têm um papel tão fundamental na película.

Posto isto, o presente capítulo teve como foco estudar de que forma a religião em *Dune* é uma fonte de esperança para os seus crentes. Podemos argumentar que, se por um lado, é capaz de proporcionar um sentimento de esperança e perseverança nos *Fremen*, é também, por outro lado, uma força implacável que conduz Arrakis para a guerra e para a morte. Podemos admitir que, ao longo do romance, os *Fremen* e os seus apoiantes são motivados pelas suas crenças religiosas a ajudar Paul, a alterar o planeta de Arrakis para que suporte a vida de forma mais confortável e a lutar contra o Império e os Arkonnens. A sociedade de *Fremen* está sujeita a vários tipos de pressões e interesses que ameaçam a sua integridade e estabilidade política. A religião, e principalmente o papel que Paul desempenha como messias para o povo, é uma das maiores forças de coesão social ao longo do romance. Paul é um sinal do fim que os

Fremen almejam e se esforçam para alcançar. Este fim e a esperança que a ele se associa não é restringida ao domínio da vida pessoal e subjetiva. Na verdade, a religião engloba todas as dimensões deste povo, desde a política à social, sendo a maior força para o desenvolvimento dessa mesma sociedade, à semelhança do que foi analisado em *Lord of Light*, sendo as decisões políticas por vezes justificadas com crença. É interessante realçar que a esperança dos *Fremen* está ligada ao mundo físico, ou, mais propriamente, à alteração de Arrakis em prol do seu povo. Ademais, a religião é apenas a causa ou justificação, não o objetivo final dos planos de Paul ou Stilgar. Dito isto, para os *Fremen*, as suas crenças apresentam-se como uma força positiva para a mudança, permitindo que esses possam dedicar-se completamente a um futuro, ainda que não seja garantido que o alcancem. Em contraste com isto, vemos como a crença é também fonte de medo entre algumas personagens. Paul e Jessica temem o fervor religioso dos *Fremen* porque percebem o poder destrutivo e imparável que dele surgirá caso não seja controlado, refletindo-se na *Jihad* e na destruição do sistema sociopolítico imposto até então. Como lembra Kennedy:

Following in the footsteps of the Bene Gesserit, Paul has little choice but to grasp religion as a political tool to secure authority, even as it entraps him into the path that leads to the jihad. Herein lies a message about the power of religion to mold human thinking and cultures beyond any individual's capacity to control them (...). (Kennedy, 2022, p. 28)

Se a religião é para os *Fremen* uma motivação e a esperança de um futuro melhor, é paradoxalmente também a origem de morte e violência. Contudo, é essa garantia que permite a este povo continuar na sua luta constante, ainda que seja desgastante e ingrata. Os sentimentos religiosos estão presentes ao longo da obra e a sinceridade desses sentimentos não é questionada (em determinados momentos, até Paul e Jessica se deixam levar pelos sentimentos elevados que aí se originam), o que não impede que seja utilizado para fins nada religiosos: como vimos, as *Bene Gesserit* utilizavam a religião como uma ferramenta para dominar e controlar os vários povos. O sentimento religioso poderá ser benéfico devido à sua intensidade e capacidade de comover e mover o sujeito que dele disfruta, mas é essa capacidade que o torna tão perigoso, pois

dominando o sentimento religioso, domina-se o sujeito. Tudo isto é possível vermos hoje. No panorama político a religião tem ainda um grande poder de influência, muitas vezes devido à sua utilização para justificar decisões que não tem propriamente repercussões religiosas. Dessa forma, como em *Dune*, a religião é utilizada como ferramenta, o que temos vindo a confirmar que é uma visão relativamente constante em ficção científica.

Mas esta obra destaca de forma bem mais marcada a qualidade da religião como forma de esperança, algo que atualmente não é tão discutido. Herbert demonstra como a religião, ainda que muitas vezes manipulada e mesmo quando de origem duvidosa, pode continuar a ser uma fonte de esperança e de espiritualidade para quem necessita. A questão que muitas vezes se coloca sobre a veracidade ou não de uma determinada religião, se determinado individuo é histórico ou uma invenção literária é posta em segundo plano, permanecendo apenas a experiência enriquecedora da pura crença. Poder-se-ia argumentar que a religião tem em *Dune* um maior destaque do que a ciência, e julgo que isso faz muito mais sentido pensando no que Herbert poderia querer explorar com o seu romance. O autor aborda as consequências do messianismo num mundo com necessidades e circunstâncias bastantes específicas. A forma como Paul nasceu, com as capacidades que veio a desenvolver e como reage perante as várias situações que vão surgindo, questionam o surgimento de um messias e da religião num mundo (ou mundos, no caso) em que a religiosidade é, aparentemente, tida como ferramenta utilizada pelas elites.

Nesse contexto, vamos observando a interação da religião na guerra, na ciência, na sociedade e, mais importante, na política. Com o aparecimento de Paul enquanto messias e o incorrigível caminho do *Jihad* que este iniciou, chega-nos também a verdadeira mensagem da obra de Herbert: um aviso para o perigo de permitir que a religião tenha um peso tão marcado nas decisões políticas. Como ocorreu com Paul, apesar do seu uso dos *Fremen* ser, pelo menos para o leitor, justo para que se vingue e recupere o seu estatuto enquanto Duque de Arrakis, o seu lugar de líder religioso, político e militar impele o culto a algo que vai para além de si mesmo.

Tal não está muito distante do culto a figuras políticas, injetado com crenças religiosas e supersticiosas, que levam os seus apoiantes a comportamentos indesejados, mas sempre justificáveis devido pela alegada divindade de tal indivíduo, que nada é mais do que um político. Nessa dimensão, *Dune*, tem ainda um comentário atual quanto à presença de indivíduos carismáticos e messiânicos, que podem acabar por levar a decisões pouco racionais.

3. Transhumanismo e transcendência em *Fall; or, Dodge in Hell*

Atualmente, um dos temas mais discutidos em toda a esfera social e tecnológica é a inteligência artificial, ou *Artificial Intelligence* (AI). Aparenta ser hoje uma das grandes metas do desenvolvimento científico, sendo a sua integração na sociedade de tal modo ubíqua que tudo na nossa vida quotidiana promete tornar-se mais fácil. Estas expectativas surgem acompanhadas por diversas novas preocupações, como o possível perigo de um programa AI ser capaz de se virar contra nós, os seus criadores,¹³ assim como por novos dilemas éticos que necessariamente vão levar a uma reformulação do significado do conceito de “ser vivo”: se tem ou não de ser corpóreo, se pode, para além de natural, ser artificial. Várias obras de ficção científica já tentaram questionar e apresentar alguns cenários futurísticos onde um programa de computador adquire consciência,¹⁴ independentemente do quão difícil tal seja de definir e das consequências que traz para a sociedade humana. Se em algumas obras a representação e consequências de AI são extremamente negativas, outras preferem deixar alguma ambiguidade entre a nossa própria inteligência e a artificial que, apesar de criada, parece não ser muito distinta da nossa. *I Have No Mouth and I Must Scream* (1967), de Harlan Ellison, opta pela primeira, contando-nos a história de um grupo de humanos torturados durante séculos por um supercomputador, denominado simplesmente de “AM”. Ellison cria uma narrativa com uma visão misantrópica – todos os humanos revelam atitudes e pensamentos reprováveis – que parece culminar com a ideia de singularidade tecnológica, à qual os humanos não têm como resistir. Em contrapartida, para exemplificar uma outra perspetiva, um pouco mais próxima do movimento *New Wave*, *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), de Philip K. Dick, cria um universo

¹³ Apesar desta ideia parecer um pouco rebuscada, visto que o desenvolvimento de AI parece estar ainda nos seus inícios e longe de uma autonomia assustadora, ainda este ano (2023) especialistas em AI e autoridades nessa mesma indústria promoveram uma pausa de 6 meses na pesquisa sobre a inteligência artificial, temendo que essa se fosse se tornar mais poderosa do que nos é possível controlar (Narayan et al, 2023).

¹⁴ Obras clássicas e consagradas da ficção científica retratam futuros em que inteligência artificial tem um papel proeminente, tais como os livros *Do Androids Dream of Electric Sheep* (Dick, 1968), *I have no Mouth and I must Scream* (Ellison, 1967), *I, Robot* (Asimov, 1950), *Neuromancer* (Gibson, 1984) ou os filmes *2001: A Space Odyssey* (Kubrick, 1968) e *Alien* (Ridley Scott, 1979).

onde a tecnologia (e a artificialidade) estão na base das interações sociais, religiosas e afetivas. Neste universo, os androides são artificialmente criados para servirem de trabalhadores em colônias espalhados por outros planetas. A visão de AI nesta obra é muito mais empática, sendo um dos temas recorrentes na obra a dificuldade em distinguir humanos reais dos que não o são, seguindo as aventuras de Deckard, profissional em assassinar androids que fogem para obter liberdade. Ainda que várias formas de questionar o lugar de AI existam na literatura, estes dois exemplos demonstram o quão dispares podem essas ser.

Neil Stephenson, em *Fall; or, Dodge in Hell* (2019) – que referirei somente por *Fall* –, questiona como seria o mundo se no futuro esses mesmos programas, executados em computadores e dotados de uma consciência própria, fossem, em vez de artificiais, a cópia do padrão cerebral de humanos já falecidos. Publicado em 2019, o romance conta a história de Richard “Dodge” Forthrust, bilionário e dono de umas das maiores empresas de produção de videogames, que durante uma intervenção cirúrgica sofre uma morte cerebral. Familiares e um dos seus maiores amigos, Corvallis Kawasaki, reúnem-se para a leitura do testamento, descobrindo que Dodge, pretende que o seu corpo seja preservado até que seja possível restaurar e estender a sua vida, independentemente da forma pela qual tal se possa concretizar. Acompanhamos os vários familiares, como Sophie, ao longo de vários anos, enquanto, utilizando a fortuna de Richard, procuram uma forma de o trazer de volta, desta vez virtualmente. Apenas muitos anos depois essa ideia é tornada realidade quando Sophie corre pela primeira vez o programa que contém a estrutura e organização do cérebro de Dodge iniciando assim um processo que levará a que cada vez mais pessoas, com os mesmos objetivos que ele, se sujeitem e voluntariem para o mesmo procedimento. Ao longo da obra acompanhamos Dodge-que no seu novo mundo virtual, sem memória de quem era ou é- se chama agora Egdod, interpretando o papel de Deus, ainda que sem intenção, e criando um mundo simulado muito semelhante ao real, dando-lhe forma, assim como a si mesmo. Concomitantemente, vemos de que forma a possibilidade de obtenção da vida eterna,¹⁵

¹⁵ A vida eterna, na teologia cristã, é uma concessão complexa, envolvendo a dimensão ética, a transcendência a nível espiritual, e a relação do ser humano com Deus. Convém por isso ressaltar que,

ainda que virtual, afeta o panorama social e político do nosso mundo, com infiltrações cada vez mais fortes do virtual, onde aparelhos de “augmented reality” permitem que os humanos experienciem a realidade através de um filtro virtual.

Desagradado com a forma como Egdod (ou Dodge) conceptualizou o mundo, El, personagem importante na teorização inicial desta tentativa de obtenção da vida eterna, após o seu próprio *upload*, expulsa Egdod, prendendo-o longe da população do mundo virtual, utilizando uma nova religião que lhe prestava culto e o tinha como entidade fundadora e central da mesma. Através do seu poder computacional superior e da religião que o idolatrava, El usa a sua autoridade para subjugar a população, impondo a aparência que deveriam adotar e funções que podiam desempenhar, para além de procurar eliminar os descendentes de Adão e Eva, os quais desafiam a sua autoridade devido a capacidades inatas, até que Egdod e os seus companheiros conseguem finalmente derrotá-lo.

Neste capítulo irei explorar de que forma a religião surge na obra de Stephenson, e para isso é importante também entender de que forma esta última perspetiva a possibilidade de existência desse mesmo *upload* da mente. No que toca à religião, podemos encontrar imediatamente referências ao cristianismo em “Fall” e “Hell”, que encontramos no título da obra. Remetem para o nosso imaginário religioso: “Fall” relembra a queda de Lúcifer e a sua vingança contra Deus, análogo ao que veremos acontecer com Dodge; “Hell”, por sua vez, remete para a vida depois da morte, neste caso, para o lado negativo dessa. O mesmo pode ser dito de “El”, nome do antagonista da obra, remetendo imediatamente para um dos nomes de Deus utilizados na Bíblia, “Elohim”. De novo, como com “Fall”, “El” e “Elohim” aproximam-se também pelas ações de El ao longo do romance, em que esse procura a posição de Deus no mundo digital.

O romance relaciona-se claramente com o presente movimento transhumanista, uma vez que, como veremos mais à frente, em ambos há uma dimensão religiosa, ainda que menos mística do que as religiões a que estamos acostumados. O transhumanismo

apesar da ligação entre o *upload* e a transcendência cristã ser o alvo deste capítulo, este somente explorará as consequências e problemáticas ligadas à transcendência física, pois o transumanismo não se preocupa da mesma forma com as questões éticas e com o pecado como a religião cristã.

desenvolve-se na esteira do culto da razão e do pensamento iluminista que tem guiado a nossa cultura e sociedade nos últimos séculos, assemelhando-se ao culto prestado a uma divindade, semelhança que é desvendada também na forma como o movimento ambiciona a libertação da condição corpórea do ser humano, preferindo uma transcendência digital a uma divina. No livro *Post- and Transhumanism: An Introduction*, Hava Tirosh-Samuelson define “transhumanismo” da seguinte forma:

(...)The term “transhumanism” was coined by the British evolutionary biologist, Julian Huxley, in 1957 to capture what he had earlier called “evolutionary humanism,” or “scientific humanism.” Huxley can be seen as the inspiration for a cultural and intellectual movement that calls for the gradual transition from (biological) humanism to (mechanical) posthumanism and the prefix “trans” in the term “transhumanism” is simply a shorthand for “transition.” As an ideological movement, transhumanism advocates the application of science and technology to the amelioration of the human condition through genetic engineering, robotics, informatics, and nanotechnology. The convergence of these technologies and the advances in the life sciences, neuroscience, and medicine has been mobilized to facilitate the enhancement of human physical and mental characteristics, elimination of disease and pain, and radical extension of life expectancy. Because technological posthumanism is the inspiration for transhumanism, the two terms are often used interchangeably. (Ranisch & Sorgner, 2014, p. 50)

Tendo o transhumanismo vários objetivos e ideologias que não se restringem a um ou outro futuro desejado, em *Fall*, os avanços são essencialmente práticos. Nele encontramos próteses para substituir membros perdidos ou que não são capazes de cumprir a sua função, muito semelhante ao que temos atualmente, como exemplo do mais simples uso da tecnologia, sendo o mais extremo o *uploading* da mente e a sua simulação. Este movimento dá continuidade ao mito do progresso, segundo o qual a humanidade tem necessariamente de manter-se num contínuo desenvolvimento do seu próprio ser e das suas condições de vida. Neste caso, Stephenson aborda o mais final dos objetivos - a eliminação da morte (Mercer & Throthen, 2015). Apesar de ser

essencialmente secular, o transhumanismo já foi por vezes descrito como uma religião: tanto o cristianismo, por exemplo, como os transhumanistas procuram a transcendência do ser humano, seja física (no segundo caso) ou também ética (no primeiro), ambição essa baseada num conjunto de crenças. Não obstante o transhumanismo estar associado a culto, neste caso, de um grupo de ideias que são promovidas pelos membros do movimento, e um certo *telos*, vendo o mundo como um constante progresso e desenvolvimento, Anders Sandberg, na obra *Religion and Transhumanism* realça que ainda assim as diferenças são marcantes:

Transhumanism is sometimes described as a religion. While it overlaps with religion in being concerned with escaping the current human condition for a more transcendent condition and can share many metaphysical, soteriological, and eschatological interests with religion, there are clear divergences both in practices (for example, the lack of transhumanist prayer) and in underlying theory. Indeed, transhumanism in general may lack key parts of a belief system. Transhumanism might simply be in favor of a set of instrumental methods for achieving ambitious aims, but not provide any real value theory or purpose. While the more existentialist or postmodern transhumanists might regard this as a merit (since they are skeptical about objective values), many people see value as necessary for being able to live a meaningful life. (Mercer & Throthen, 2015, p. 5)

Stephenson, no entanto, parece interessado ao longo de toda a obra em explorar estas ligações religiosas a que se conectam os interesses transhumanistas, destacando, evidentemente, o procedimento do *uploading*, que é o principal artifício científico da obra:

The goals of the world's great religions were indistinguishable from Mr. Shepherd's, but he was approaching them along a different path, a hidden path up the back of the mountain that Christianity and Islam and the others had been frontally assaulting for thousands of years. It was a long path through dark woods, difficult if not impossible for most to follow, but it was in the end a more

certain way to the summit. One day all of this would be seen and acknowledged.
(Stephenson, 2019, p. 715)

No cristianismo, o desenvolvimento do indivíduo ao longo da sua vida, culminando na sua morte e possível transcendência, fazem parte da sua mundivisão teológica, muito semelhante à contínua evolução que o transhumanismo ambiciona. Ronald Cole-Turner, em *Transhumanism and Transcendence*, destaca essas semelhanças entre religião e transhumanismo, e simultaneamente salienta como essas têm objetivos e crenças diferentes:

At the very core of Christianity is the dynamic of human redemption and transformation. Christian theology grounds this transformation in its distinctive view of God, who enters the human condition in order to transform it. An interesting comparison can be found between two distinctions, one made in theology and the other in bioethics. The distinction in theology is between redemption and glorification, between God redeeming humanity by restoring us to an original state from which we have fallen and glorifying or transforming us far above any original status. The bioethics distinction that is similar, and perhaps related historically, is of course the one between therapy and enhancement. Redemption and therapy are both aimed at restoring what was (or what should be regarded as a “normal” state, even if it never actually existed), whereas glorification and enhancement take us far beyond toward something completely new. In both cases, those who argue for the legitimacy of therapy/redemption (but not enhancement/glorification), whether secular or religious, seem to presuppose a definition of normal grounded either in a creationist theology or some secular alternative that views the human species, if not as static, then as having attained a status that no one should dare to alter without threatening all that humans hold dear. (Cole-Turner, 2011, pp. 4-5)

Um dos objetivos transhumanistas é o que chamam de *Uploading*, processo mediante o qual a consciência e intelecto de um corpo biológico é transferido para um computador, assim como acontece com Dodge neste romance (Mercer, 2014). Um processo como este leva ao surgimento de certas reservas que não permitem que digamos que este tipo

de vivência se pode comparar a um “paraíso”, na concepção religiosa do termo: não é a criação de um “paraíso” idílico semelhante ao que encontramos no nosso imaginário, mas antes a ausência da morte. Além disso, a trama de *Fall* levanta um longo rol de questões ontológicas e identitárias: podemos considerar que a cópia é a mesma pessoa? Há um elemento não quantificável no que toca à consciência de um indivíduo? Uma mente sem corpo pode ser considerada o mesmo que o indivíduo a quem essa mente pertenceu?

Como veremos mais à frente, o *uploading* explanado nesta obra é bastante convencional em relação às concepções transhumanistas, segundo as quais o cérebro é destruído enquanto esse é copiado digitalmente para o computador. Em *Fall*, o principal incentivo para que tais tecnologias tenham sido desenvolvidas é a tentativa de viver depois da morte, apesar de El, opositor a Dodge, ver neste método uma nova etapa na evolução da humanidade, livre de corpo e limitações físicas (e não simplesmente uma libertação da condição de mortalidade inerente ao ser humano). Contudo, para a maioria das personagens, a vida virtual não é uma alternativa superior à vida no mundo real, sendo que o indivíduo perde todas (ou a maior parte) (d)as suas memórias ao “renascer” - termo perigoso quando utilizado neste contexto, aplicado ao mundo virtual.

A religião tem um papel destacado durante toda a obra, sobretudo quando falamos em Egdod e na crítica aos extremismos que a internet potencia. De forma mais subtil, a linguagem e ideias que são expressas acerca deste procedimento parecem infiltrados por pensamentos religiosos:

“It is a common preoccupation of people who think about the idea of heaven,” Jake said. “What exactly would it be like to live forever in a realm where physical constraints don’t apply? Where there is no evil, no pain, no want? Being an angel, living on a cloud, strumming a harp twenty-four/seven/forever—that could get old. Old enough that it might become indistinguishable from being in hell.” (Stephenson, 2019, p. 644)

Complemente-se com este segundo excerto, onde é questionado o uso do termo “soul”, alma, devido aos contornos religiosos que rodeiam o termo. Concluindo que efetivamente o termo “alma” é o mais correto, apesar de pouco técnico:

(Also because “soul” was so fraught with unwanted philosophical and religious baggage. But the reality was that when scanned brains were booted up as new processes, with the ability to draw upon computing resources and to interact with the other processes, they took on seemingly personlike attributes: they existed in one place, not all places; they moved about in a way that seemed physical; and they dealt with other processes in a way that seemed social. (...) No amount of dancing around could really dodge the fact that what was really being talked about here was the soul. And part of the deal—the expectation—was to keep it going indefinitely.) (Stephenson, 2019, 739)

Destaca-se inicialmente a frase “Where there is no evil, no pain, no want?” no primeiro excerto. Realiza-se aqui a aproximação entre o abandono da forma física e o fim do sofrimento e desejo, aproximação essa que demonstra ser falsa ao longo do romance. Enquanto no transhumanismo, e em parte no cristianismo, a forma física é, até determinado ponto, a fonte desse mesmo sofrimento, ao livrar o ser humano desta sua “prisão” corpórea, retiraríamos do mesmo as suas necessidades e impulsos menos desejados. Stephenson nega essa ligação, demonstrando através de várias personagens (não só Dodge e El) como esses mesmos impulsos, gananciosos e egoístas, ainda que modificados pelo meio diferente, continuam a influenciar as interações sociais e atividades das almas no mundo digital. Este excerto remete também para a ideia de *felix culpa*, expressão provavelmente cunhada por São Gregório, sendo uma linha de pensamento com uma visão um pouco paradoxal do episódio da Queda que encontramos no Génesis. Defendia Sto. Agostinho, entre outros, segundo esta concepção, a Queda do ser humano do jardim do Éden foi um acontecimento positivo, pois o esforço necessário para transformar a nossa condição “caída” em algo positivo é mais louvável do que a simples existência na perfeição do paraíso: a redenção e a grandiosidade só podem ser obtidas após essa mesma queda (Ficek, 1959). No excerto, a ideia parece semelhante: viver num mundo perfeito impede que acontecimentos indesejados e emoções negativas surjam, mas, simultaneamente, impede também o aparecimento dos seus opostos, o que tornaria as nossas ações positivas e eticamente corretas menos valiosas. A idealização da reconquista do paraíso e da sua valorização,

como nos explica Carolyn Merchant, em *Reinventing Eden: Western Culture as a Recovery Narrative*, faz parte da história da cultura ocidental:

(...) The story of Western civilization since the seventeenth century and its advent on the American continent can be conceptualized as a grand narrative of fall and recovery. The concept of recovery, as it emerged in the seventeenth century, not only meant a recovery from the Fall but also entailed restoration of health, reclamation of land, and recovery of property. The recovery plot is the long, slow process of returning humans to the Garden of Eden through labor in the earth. Three subplots organize its argument: Christian religion, modern science, and capitalism. (Merchant, 1996, p.133)

Assim, este breve excerto parece espelhar um pouco o sentimento de progresso científico que está na base do movimento transhumanista: como argumentavam os teólogos cristãos, a ideia de permanecer para sempre num paraíso parece inferior ao sentimento resultante do esforço e trabalho capaz de tornar a nossa posição inferior e o “mal”, na concepção cristã, em algo “bom” e positivo. Podemos desenvolver mais utilizando o argumento de Merchant em que a cultura ocidental tem como motor latente dos seus objetivos o empenho em recuperar a perfeição do jardim do Éden utilizando da teologia e, mais importante para nós, a ciência moderna, da qual o transhumanismo, como é representado na obra, é uma extensão.

A utilização da palavra “alma” ou “anjo” nos excertos acima serve apenas de metáfora para, no primeiro caso, uma essência não quantificável que está para além da vida corporal; no segundo, uma forma de vida livre das limitações físicas, tanto do corpo humano, como das leis que regem o universo natural. Podemos começar pelo claro dualismo mente-corpo que é aqui primordial, refletindo também na ideia de simulação de uma mente despojada do seu corpo. É admissível que afirmemos não saber ainda como funciona o cérebro humano, em que consiste a mente e a consciência, ou se realmente existe algum tipo de “alma”. Por conseguinte, podemos com alguma certeza afirmar que é extremamente difícil compreender o cérebro humano sem considerar a sua ligação com o resto do corpo, tanto de forma psicológica, como fisiológica. Logo, toda a lógica por detrás do *uploading*, principalmente em *Fall*, onde não há uma

tentativa inicial de simular os sentidos obtidos através do corpo, tem alguns pressupostos que, ainda que admissíveis tendo em conta tratar-se de uma obra de ficção científica, possui ramificações na concepção de *uploading* transhumanista, ao mesmo tempo que retira elementos significativos de preceitos e concepções religiosas historicamente enraizadas. Ressalve-se que a relação corpo-mente na religião, mais concretamente judaico-cristã, é relativamente mais complexa no que toca à transcendência e ressurreição, como lembra Mercer, em *Transhumanism and the Body*:

This Hebraic psychosomatic unity of body and soul is the theological basis for the Jewish and Christian emphasis on resurrection, in contradistinction to immortality. Immortality (athanasia) literally means “not death,” but in that formulation, the soul goes on living. Resurrection (anastasis), on the other hand, means “to stand up” (from death) and can entail the entire person (i.e., physical, mental, emotional aspects) moving into a new and transformed life. By the way, resuscitation of a dead body, as when Jesus raised Lazarus from the dead (John, Chapter 11), is sometimes also called a resurrection and uses the same word anastasis. This kind of “resurrection” (i.e., resuscitation of a dead body) is distinguished from resurrection to a new life, which results in a transformed body that is qualitatively different from the body before the resurrection. With resuscitation, life continues as before in the same body; with resurrection, life continues in a transformed body with new possibilities. (Mercer, 2014, p. 138)

Como podemos ver, o corpo tem um papel essencial na compreensão da ideia de indivíduo subjacente ao cristianismo. A ressurreição implica que o corpo se mantenha; por isso, de acordo com a teologia cristã, um cérebro simulado num computador, ainda que dando continuidade a uma vida que de outra forma não poderia vigorar, assume-se como um processo que despoja o corpo e, portanto, obriga a que se considere que o indivíduo que alegadamente continua a viver já não é o mesmo que morreria caso o seu cérebro não fosse alvo de *upload*. Ainda que possamos estar na posse de uma “alma”, como Stepheson afirma deliberadamente, não teríamos concretamente uma continuação da pessoa a quem essa “alma” pertence. A posição teológica cristã encontra-se então completamente oposta ao *uploading*, sendo que desta forma não

estariamos nem mesmo a melhorar as condições dos humanos já existentes, mas apenas a criar programas virtuais que nada têm que ver com quem os originou, ainda que, como veremos mais à frente, haja também quem veja justificação religiosa para o projeto transhumanista.

O *uploading* desenvolvido por Neil Stephenson parece ser um pouco contraditório na forma como representa os problemas corpo-mente. Em geral, *Fall* aparenta concordar com o cristianismo, segundo o qual a mente sem corpo não se torna obrigatoriamente uma continuação da sua vida anterior. Como foi explicado já, quando o cérebro é introduzido no mundo virtual, perde todas as suas memórias. Não há forma de compreender que é uma simulação, nem de se recordar- à exceção do que acontece com uma das personagens- da sua vida anterior. Neste sentido, podemos argumentar que este modelo segue o conceito de ressurreição do Cristianismo. É realmente uma nova vida a ser gerada. Para além disso, a chegada de Dodge ao mundo virtual parece fortalecer a necessidade de um corpo para o ser humano, assim como uma dimensão espacial. Após “acordar”, se assim se pode dizer, pela primeira vez na sua simulação, Dodge começa por moldar o “vazio” em algo que se aproxima bastante à realidade, ainda que tome um tema medieval. Da mesma forma, Dodge criou também um corpo para si, o que significa que abdica voluntariamente da sua anterior onnipresença para estar contido dentro de um corpo. O mesmo se passa com os restantes habitantes do mundo virtual, que sentem a necessidade de criar um corpo para si. Tudo isto sugere que, tal como defende a doutrina cristã e de acordo com aquilo que é defendido pelo próprio Stephenson, o ser humano necessita de um corpo para se sentir completo. Seja por hábito ou por necessidade, o corpo tem um grande peso na forma como interagimos com o mundo, talvez porque o cérebro se desenvolveu conjuntamente com ele e evoluiu para o fazer, ou, então, porque estamos a simular um cérebro que desde jovem foi criando caminhos neuronais que necessitam de um corpo para fazer sentido. Por isso, neste romance o ser humano tem alguma dificuldade em se despojar da dimensão física:

At times flying with wings spread, at times walking upon the ground, he went up and down the street and ranged through the forest and roamed the park and learned the number of others who had come to his domain. He concluded that

the number of souls was not many more than the number of the tiny appendages sprouting from the leaf-platforms that terminated his upper limbs. Almost as quickly as he felt the need for them, the notions came to his mind: fingers, hands, arms. (Stephenson, 2019, p. 543)

Um pouco contrário a tudo isto é a ideia de “alma” tal como vemos ser tratada em *Fall*. Se o autor, durante a grande maioria do tempo, dá a entender que o cérebro simulado já não tem uma identidade partilhada com o ser humano que o precedeu, em outros momentos parece introduzir a ideia da existência de uma “alma” ou “essência” não quantificável, que carrega consigo características do seu indivíduo para além do corpo e do cérebro. Podemos ver isso na linguagem que é utilizada, encontrando várias metáforas religiosas que dão a todo o procedimento uma aura mística. Mais concretamente, vemos essa “essência” demonstrada na personalidade dos vários humanos que são virtualizados ao longo de toda a narrativa. Exemplificando com o protagonista inicial, vemos que Dodge não se recorda da sua vida anterior, do seu nome ou de onde se encontra, no entanto sabemos que as suas criações são inspiradas numa espécie de memória reprimida do mundo real, permitindo que esse possa criar árvores, por exemplo, seguindo uma espécie de instinto, que sabemos ser a influência da sua estadia no mundo real. Egdod, nome que escolhe após a sua morte, assume-se também como o nome da sua personagem no videojogo que criou em vida, algo que também desconhece após o *upload*. Tal como com Dodge, são várias personagens que não se recordam da sua vida passada, mas as formas ou funções que vão cumprindo ao longo da sua vida virtual parecem influenciadas pelos seus interesses e personalidade antes de morrerem. Deste modo, vemos que apesar da conceção científica e secular do processo de *upload* da mente e da ressurreição digital do ser humano, há uma dimensão inerentemente mística que acompanha todo o processo. O autor deixa sempre aberta a possibilidade de os elementos místicos e inexplicáveis não serem ainda possíveis de compreender utilizando o conhecimento atual. O autor está bem ciente da tensão que criou, como podemos ver no seguinte passo da obra:

Enoch nodded and turned his head to gaze out the window into the storm. “I’m a go-between. On the one side is Elmo Shepherd, who believes fully that brains

can be simulated—and that once the simulation is switched on, you’ll reboot in exactly the same state as when you last lost consciousness. Like waking up from a nap. On the other side is Jake, who believes in the existence of an ineffable spirit that cannot be re-created in computer code.”

“What do you believe, Enoch?”

“Jake’s opinion is based on a theology I do not agree with. But like a lot of theologies it can do duty as a cracked mirror or a smudged lens through which we might be able to glimpse things that are informative. I don’t know about an ineffable spirit, but I do have a suspicion that there are aspects of who we are that will not come back when our brains are scanned and simulated by the likes of Elmo. It’s not clear to me that memory will work, for example, when its physical referents are gone. It’s not clear that the brain will know what to do with itself in the absence of a body. Particularly, a body with sensory organs feeding it a coherent picture of the world.” (Stephenson, 2019, 396)

Penso que devemos também prestar mais atenção ao uso da linguagem religiosa empregue ao longo da obra. Já vimos que essa linguagem, como foi discutido acima, tem também uma função importante no tema da divisão corpo-mente. No entanto, penso que a utilização deste tipo de terminologia, mesmo quando nos estamos a referir a procedimentos completamente científicos, demonstra um pouco o papel da religião nesta cosmogonia. Verificamos que ao longo de toda a obra os procedimentos e o funcionamento da tecnologia para simular as mentes dos falecidos é explicada e desenvolvida utilizando linguagem relativamente técnica, tendo em conta de que a obra é para um público que não está completamente dentro da linguagem técnica para o nível tecnológico necessário para compreender tais procedimentos. Ainda assim, há uma necessidade constante de colocar uma linguagem mística ou religiosa para ilustrar e referir certos aspetos do *uploading*, como, por exemplo, “alma” (ou “*soul*”, em inglês) para descrever as mentes simuladas no mundo virtual. No fundo, aparenta existir uma necessidade de utilizar tais termos para discutir e referir processos que envolvam dimensões anteriormente consagradas essencialmente à religião.

É possível discernir duas razões para que assim seja. Primeiramente, poder-se-ia afirmar que o discurso atual em volta de temas como ressurreição e vida após a morte estarão quase exclusivamente ligados a contextos religiosos. Por muito que tentemos utilizar expressões e termos seculares, na imagem mental da sociedade, muito dificilmente se conseguirão afastar as concepções iminentemente religiosas, sobretudo no contexto da cultura judaico-cristã, do que é essencialmente uma tentativa de ressurreição virtual. Para além disso, há uma certa facilidade de compreensão ao utilizar termos com os quais se sente familiaridade, como acontece no caso específico de “alma”, ainda que procuremos definir processos ou concepções que, resistindo a uma descrição mais técnico-científica, não deixam de fazer parte de um processo dessa natureza, desconectado de questões de fé ou espiritualidade, no sentido tradicional do termo. Consequentemente, torna-se impossível escapar ao inerente misticismo que rodeia estes temas, o que também é a fonte do grande interesse que temos pelo mesmo.

Numa outra perspetiva, podemos também entender que o interesse que a ciência e o transhumanismo demonstram por estas possibilidades de extensão de vida originam nas várias lendas e mitos que a religião foi desenvolvendo ao longo dos séculos. Até mesmo o desejo de estender a vida pode ser encarado como resultante da inspiração em diferentes religiões. O medo da morte, muitas vezes explorado por estas últimas, fomenta o desejo de nunca morrer, o que leva também ao evitar de ações que o potenciam. Dessa forma, ainda que inadvertidamente, a religião promove a procura da vida eterna, mesmo que não por meios divinos.

Philip Hefner é um teólogo com uma concepção relevante para o tipo de discussão transhumanista que vemos em *Fall*. Este teólogo luterano afirma que podemos descrever o ser humano como um “criado co-criador” (“*created co-creator*”), termo rico para as relações entre a ciência e a religião, como explicam Stephen Garner, em *Religion and Transhumanism*:

Philip Hefner proposed the interesting notion that human beings are created co-creators with God. Human beings, created in the image of God (Latin, *imago Dei*), are charged in the first chapter of the Bible with being stewards of the created

order. Human beings are responsible for tending the garden, keeping it beautiful, and flourishing. So, using God-given talents, people work with God as created co-creators in the creative process to make anew. Hefner's theological reasoning goes like this. If we are created in the image of God (Latin *imago Dei*), as expressed in a Jewish creation story and if one of the divine qualities is creativity, then human beings are meant to create so long as this creating is done with humility (knowing they have a propensity to make mistakes and to sin), the intent to do good (repair the world), and with the communal and ongoing discernment of God's will, as best that will can be discerned. In other words, we are meant to do good and to care for creation, ourselves, and our neighbor. (Mercer & Throthen, 2015, p. 232)

No entendimento de Hefner, o ser humano foi criado por Deus com toda a sua dimensão imanente que origina no seu criador, mas, para além disso é também biologicamente definido para ser igualmente criador, ainda que de diferente ordem. Na definição de Hefner, "criador" exprime a dimensão finita e definida do ser humano como ser criado e inferior a Deus, com o seu lugar definido na terra. No entanto, "co-criador" pretende demonstrar a natureza criativa e engenhosa do ser humano, como modificador da natureza que o rodeia. O ser homem é criado e tem em si uma vocação para que ele próprio crie e continue o trabalho de Deus na terra, num projeto de construção contínuo de Deus levado a cabo pelas suas criações humanas (Mercer & Throthen, 2015).

Dodge parece ser uma representação perfeita do "criado co-criador". Se aplicarmos o conceito de Hefner a Dodge, podemos começar por dizer que Dodge foi criado por Deus e tem em si uma marca forte de criador como empreendedor, devido à companhia de videojogos a que preside. Podemos afirmar, apesar de uma forma afastada do que poderia ter sido pensado por Hefner, que Dodge teve um papel importante para desenvolver a natureza e criar um grande número de melhorias para o ser humano. Mas torna-se um "co-creator" perfeito quando o seu cérebro é finalmente simulado, como vemos no início do romance. Ao "acordar", Egdod, novo nome de Dodge, sente uma necessidade de criar, seja o seu corpo ou o mundo que o rodeia. Este inicia quase imediatamente a tentativa de dominar o mundo circundante, moldando-o

à sua forma. Para além disso, Egdod manipula a paisagem tendo em conta as “almas” que vão surgindo, criando habitações e espaços comuns para que esses possam também ter um maior nível de bem-estar. Nestes moldes, podemos ver que o criador que há em Egdod se sente compelido, como em Hefner, a moldar o mundo para o bem do ser humano, continuando assim, através de si, o ato criador de Deus, ainda que agora seja num mundo virtual.

Podemos também ver a forma distinta que a corrente transhumanista, ou do *uploading*, tem de conceber a morte como instância intimamente relacionada com a religião. Nas palavras de Tod Daly:

Both Christians and transhumanists view death as the enemy. Yet, Christians recognize an intrinsic moral dimension to death by linking it to sin, a dimension that transhumanists ultimately fail to recognize. Transhumanists simply do not have this language at their disposal. Indeed, such terminology is explicitly rejected. Any challenge to the power of the naked will over against the human body is dismissed on the grounds that it succumbs to the “biological fatalism” of original sin. Indeed, if there is a notion of sin in transhumanism, it is a failure to live up to the ideal of progress understood as technological mastery over our destiny. In the face of such progress, this transgression manifests itself as sloth, inactivity, or defeatism. Nevertheless, without recourse to the language of sin and the Fall, transhumanists can only see death as a condition to be treated through technology, rather than as a condition that has been taken up and defeated in Jesus Christ. (Mercer & Throthen, 2015, p. 87)

Se o cristianismo concebe a morte de uma forma ética e relacionada com o pecado, o transhumanismo apenas admite que sofrer a morte de forma passiva é o comportamento que devemos reprimir. A morte, encarada como uma doença da qual o ser humano se deve curar, deverá ser erradicada independentemente dos recursos utilizados para atingir tal fim. Em *Fall*, claramente encontramos este tipo de pensamento, principalmente quando nos deparamos com a personagem de El, cujo traço principal é a sua *necessidade* de “derrotar” a morte. No entanto, Stephenson parece criticar esse mesmo fim da morte na sua obra. É verdade que no romance

qualquer indivíduo tem a possibilidade de voltar à vida, de uma forma ou de outra, através da simulação virtual do seu próprio cérebro. Contudo, esta vitória do ponto de vista transhumanista parece ser algo enganadora. A capacidade de “curar” a morte não permitiu que o ser humano tivesse mais liberdade, pelo contrário:

Buying things online, and having them delivered by drones, was better. Added to this, now that death had been disrupted, was the factor of what had come to be known as “brain safety.” Even in the most prosperous and stable communities, going to the grocery store brought with it a small risk that one might die in a traffic accident en route, and if the accident were of the wrong sort, it might lead to destruction of the brain, barring the victim’s entry into the afterlife. Better to remain indoors and do as much as possible through telepresence. The time saved could perhaps be spent in virtual wanderings around the fascinating geography of the world that Dodge had brought into being, that Pluto had perfected, and that El had taken over. The living stayed home, haunting the world of the dead like ghosts. (Stephenson, 2019, p. 908)

A morte pode ter sido curada, mas não o medo que inflige. Neil Stephenson parece querer argumentar dois pontos. Um deles é que a morte não pode ser verdadeiramente derrotada: ao matar a morte, o ser humano acaba por ficar refém do medo de outros acontecimentos que possam levar a outro tipo de finitude. Neste caso concreto, isto traduz em qualquer instância que impeça as personagens de poderem ser transferidas para o mundo virtual. Podemos colocar aqui em comparação a tendência das religiões para levar uma vida regrada no mundo real, para mais tarde recolherem as recompensas de assim o terem feito, e a necessidade de, no mundo de *Fall*, o mesmo tipo de vida regrada é necessária para que a virtualização seja possível após a morte.

Novamente, vemos uma aproximação do transhumanismo (na forma representada por Stephenson) à religião: o cristianismo, por exemplo, promete a entrada para o paraíso se alguns preceitos forem salvaguardados durante a vida terrena; em *Fall*, a ciência permite que um humano seja liberado da morte através da sua digitalização se o seu cérebro for mantido num bom estado. Em ambos os casos, para que se possa evitar a morte perpétua, é necessário abdicar de algumas liberdades durante a existência

biológica natural. Assim, ainda que a promessa de *upload* seja mais concreta e exequível do que a religiosa, não deixa de impor um certo comportamento para que essa mesmo seja possível.

Para além disso, podemos também encontrar uma crítica ao transhumanismo neste pequeno excerto. Encontramos um mundo em que a maior enfermidade- a morte-, segundo os transhumanistas, foi curada. Ainda assim, o medo desta controla muitas vidas, impedindo que a população possa viver livremente apesar da possibilidade de ressurreição. O transhumanismo quer terminar com a morte e com a imprevisibilidade na vida, pois ninguém sabe quando morre, como e quando. Podemos apenas aceitar que isso um dia ocorrerá e que nada podemos fazer. Mas Stephenson mostra que a possibilidade de terminar com a morte acaba por colocar um peso maior na vida após essa, fazendo com que o ser humano abdique desta vida terrena para garantir uma vida digital. Parece-me que há uma forte ideia de que faz parte da natureza humana temer e tentar afastar os objetos e incidentes que nos aterrorizam, mas que é igualmente necessário aceitá-los e viver sabendo que não os podemos eliminar. Ao oferecer uma solução para a morte, a meta passa a ser alcançar essa pós-morte, em detrimento da experiência humana que poderíamos ter na Terra. No fundo, é impossível eliminar todos os medos e perigos que o mundo coloca ao ser humano, se solucionarmos um dos perigos, as consequências de tal solução poderão ser piores do que o problema inicial. O investimento do ser humano não deve ser solucionar estes problemas que essencialmente fazem parte da condição humana, mas antes aprender a melhor os aceitar, seja de forma religiosa ou secular.

Constatamos que, ao longo da obra Stephenson, são postos em causa muitos dos valores do transhumanismo, dos seus métodos e objetivos. A forma como o *uploading* se relaciona com a religião e como o papel desta se manifesta na obra tem também alguma importância. Em alguns momentos, parece que há uma tentativa de crítica ao movimento transhumanista, como vimos em relação ao medo da morte que se mantém, e em outros parece que há um questionamento dos métodos e dos objetivos, questionamento esse que é posto em prática durante o romance. No entanto, não podemos deixar de destacar que as perguntas que levantei ao longo deste texto

aplicam-se ainda hoje na discussão entre o papel da religião e/ou do transhumanismo na sociedade.

Um dos elementos mais interessantes da obra, e que ainda não foi salientado, é o modo como o mundo virtual se construiu, o que está fortemente relacionado com a sua história e mitologia. Em *Fall*, quando Dodge/Egdod surge no mundo simulado, as suas ações espoletam um *retelling* do Génesis. Egdod é inicialmente o Criador, ajudando as almas que chegam mais tarde a adaptarem-se ao seu novo ambiente e tornando-se mesmo o exemplo a partir do qual os restantes criam a sua imagem- o que recupera o *motif* do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Egdod foi cumprindo o seu papel divino, sendo adorado pelos restantes membros, moldando o mundo para o bem-estar desses e castigando-os sempre que considerava necessário, ao ponto de desenvolver uma série de acontecimentos análogos à parábola da torre de Babel.¹⁶ Contudo, assim que El chega ao mundo virtual, utiliza os recursos físicos e computacionais disponíveis para expulsar Egdod, ficando agora com um papel semelhante ao de Satanás. El cria uma religião em que é adorado e todos cumprem as suas ordens, constituída por seres semelhantes a anjos e criando sistemas para que as novas almas se formem de forma idêntica. No entanto, Egdod, antes da sua expulsão, criou dois seres virtuais- Adão e Eva- chamados após a sua intervenção num jardim análogo ao do Eden. Por fim, com a ajuda de várias personagens, Egdod derrota El, o que resulta numa imagem de um mundo muito mais desenvolvido, que se deve ao regresso do primeiro ao controlo daquilo que por ele havia sido primariamente criado.

O uso da narrativa do Génesis para ilustrar parte da narrativa deste romance pode ser lido de várias formas e deter várias conotações. A primeira e mais simples introduz a ideia de que qualquer novo mundo (supondo que o nosso mundo também já foi novo) terá necessariamente de partir de uma mitologia para explicar os seus acontecimentos que substituem factos objetivos, absolutos e totais aos quais é impossível aceder. No caso do mundo de Egdod, devido à sua vida anterior e ao

¹⁶ Num dos episódios de *Fall*, os habitantes do mundo virtual constroem uma torre que vai ficando progressivamente mais alta, até desafiar a habitação de Egdod. Sentindo-se desrespeitado, utiliza os seus poderes para destruir a torre; após o evento, os habitantes do mundo virtual separaram-se.

conhecimento de narrativas bíblicas, acabou por tomar um caminho semelhante à mitologia cristã. De igual forma, há um argumento também para a necessidade de um criador onipotente para que um universo coeso possa tomar lugar. Sem Egdod, aquele que foi capaz de tomar posse de mais recursos e estar presente no início do “universo”, para guiar as almas a forma do mundo não teria a mesma coesão e a existência dos seres poderia não ser tão coerente, tal como ocorre com algumas almas que, ao não encontrarem nada em que se basear, permaneceram em objetos inertes, adquirindo esse mesmo estatuto com o passar do tempo. Ademais, a criação de um universo semelhante ao nosso põe em questão a possibilidade deste último ser, na realidade, igualmente uma simulação.

Uma outra forma de interpretar o uso da mitologia cristã no mundo virtual pode estar ligado à influência inescapável da religião em que crescemos, ou em volta da qual crescemos. Dodge e as restantes almas que renascem no mundo virtual têm uma predisposição para interpretar tais narrativas, pois têm-nas ouvido desde crianças. Destaca a facilidade com que a religião e as suas histórias permeiam a cultura e, dessa forma, como as suas narrativas são de tal forma marcantes que deixam uma forte impressão na mente humana. Tão forte é essa impressão que permite a mentes virtuais com amnésia se lembrarem de partes dessas narrativas, como vemos o próprio Dodge dar o nome a Adão e Eva às duas primeiras personagens virtuais que cria:

In the Garden lived a boy and a girl. Trees and flowers, herbs, vines, bees, birds, and beasts of various kinds lived there too. But there were no others like them. The Garden was circumscribed on three sides by a sheer wall of stone, and on the fourth side by the Palace.

“No one asked for my opinion,” said an unfamiliar voice, “but I am partial to Adam and Eve. I guess it’s the Alpha in me.”

The man and the woman looked about in astonishment but could not see the source of the voice. “Down here,” it said, “on the apple.” (Stephenson, 2019, p. 836)

Uma outra possível interpretação para a forte impressão e o surgimento do cristianismo no mundo virtual está ligada à necessidade do ser humano em dispor e servir-se de

crenças. São vários os momentos que demonstram a importância de uma crença, sobrenatural ou não, para motivar as várias personagens. Sophie acredita que pode ressuscitar o seu avô, o que a leva a investir na sua carreira no campo da simulação. El, fisicamente debilitado, vê numa pós-vida simulada a escapatória da sua condição física, ao ponto de investir toda a sua fortuna na tentativa de melhorar o processo. Igualmente, vemos como algumas pessoas vivem em grupos religiosos dispersos, armados e extremistas, um pouco por toda a América, guiados pela realidade aumentada impregnada de propaganda religiosa. No fundo, a crença tem um papel fundamental na forma como as várias personagens se guiam ao longo da narrativa, sendo a história do mundo virtual uma forma extrema e mais completa dessa influência. O argumento que poderia ser possível de retirar destas interpretações é de que a crença tem um papel fundamental na vida do ser humano, tanto é que há uma necessidade de ter uma certa crença que se traduza em esperança que nos faça alcançar os nossos objetivos. Tão intrínseca é essa qualidade no ser humano que até mesmo os cérebros simulados, que poderiam ter uma vivência completamente diferente da nossa, visto que não têm certas limitações, se veem envolvidos em adoração e culto de um Deus criador.

Por fim, é possível realizar uma leitura alegórica de toda a “mitologia” do mundo virtual. Como veremos um pouco mais à frente, a imagem da religião que Stephenson cria ao longo do romance é principalmente negativa, muito semelhante ao que temos vindo a encontrar noutras obras de ficção-científica. A inclusão de figuras análogas a Deus e a Satanás e a sua progressiva deturpação- Dodge, sendo Deus inicialmente, é quem se vê expulso do mundo; El, que sabemos ser claramente o usurpador, é quem no final do romance se encontra como figura central e divina do mundo virtual- assume-se como um dos traços fundamentais desta obra. Podemos interpretar estas mudanças à mitologia cristã de duas formas.

Por um lado, olhando a crítica religiosa que vemos ao longo de todo o romance, Stephenson parece aqui questionar a ideia de poder absoluto e do lugar central que a religião (judaico-cristã) confere a Deus. Dodge, enquanto figura divina, não tinha uma presença muito abrasiva na vida das outras almas que consigo partilham o mundo, apenas guiando-as e dando inspiração para as suas formas e hábitos. A divindade de

Dodge é, de certa forma, criada naturalmente, através dos seus feitos, e iniciada pelos outros indivíduos que nele viam um poder superior ao seu, por um lado devido ao seu papel central na criação do mundo, por outro pela sua arrecadação de recursos e por ter sido o primeiro cérebro a ser simulado e a poder expandir as suas capacidades. Ainda assim, como no episódio semelhante à torre de Babel, Dodge tem uma atitude autoritária e derruba aqueles que desafiam a sua posição. A atitude e chegada de El são muito distintas: este tem poder sobre o mundo virtual superior devido às suas capacidades económicas anteriores à sua morte, podendo adquirir poder computacional extra, vedado a outras almas. Para além disso, El, ambicionando poder, cria uma religião centrada em si, que lhe permite prescrever as formas que são lícitas as almas tomarem, assim como moldar o mundo à sua vontade, conforme os desejos que tinha antes de falecer.

A ideia de uma figura central, onipotente e divina, parece ser criticada por Stephenson. Enquanto admite a necessidade, ou propensão, do ser humano para acreditar que haja uma força superior a si que organize a sua vida, podemos ver que essa figura detém, não raras vezes, um perfil marcadamente teocrático. O sistema autoritário que vemos instituído no mundo virtual está claramente ligado às posses económicos que as personagens, Dodge e El, tinham antes de morrer. Por outras palavras, apesar de um novo mundo ser criado, não é por mérito ou sufrágio que ambos se encontram com um papel de destaque na hierarquia da sociedade, antes são as posses, que os antecederam enquanto seres virtuais, que lhes permitem um maior poder entre os demais. Egdod, primeiro cérebro simulado, adquire recursos devido ao investimento monetário dos seus familiares e da fundação criada após a sua morte, assim como por doações de vários amigos, também eles ricos. Dodge tem mais liberdades e vantagens por pertencer a uma elite que nada tem que ver com a sua nova vida. El, da mesma forma, é simulado muito mais tarde, após várias almas já habitarem o seu novo mundo, nunca nenhuma tendo as mesmas capacidades que Dodge. É, apesar disso, a sua riqueza que lhe permite adquirir poder computacional antes da sua morte para que neste mundo pudesse usufruir de capacidades superiores, inacessíveis aos restantes. Claramente há uma crítica ao sistema capitalista e à acumulação de riqueza.

Stephenson equipara a posição de Deus na mitologia cristã, como figura central, à de Dodge e El, sendo que todos têm em comum uma onipotência que lhes é outorgada sem qualquer mérito ou empenho, nascendo inicialmente com capacidades superiores aos demais por condições exteriores a si (tudo isto se concordarmos que a sua nova vida digital é afastada da sua vida terrena, visto que as suas memórias e personalidade são muito distintas e em pouco uma continuação da pessoa “original”).

Ao criticar as figuras de Dodge e El, o autor critica também, de um certo ponto de vista, o conceito de Deus, tal como o encontramos na religião cristã, esboçando-a como uma entidade que, apesar de superior aos seres que criou, não é necessariamente boa ou má, tomando proveito das suas capacidades que não foram merecidas ou ganhas. Não obstante, Dodge deve a sua vitória sobre El à ajuda de outras entidades que o auxiliaram na sua própria libertação, entidades essas que desejavam novamente a soberania de Dodge. Um pouco paradoxalmente, o autor parece indicar que, apesar da presença de uma entidade soberana como Deus não ser merecida e poder até ser prejudicial em alguns momentos, a humanidade tem a tendência para necessitar de tais figuras para guiar o seu caminho. Um pouco como uma tese e antítese, a síntese destes questionamentos aponta para a necessidade indesejada de figuras superiores a nós que nos possam guiar e, de certo ponto, policiar para o bom funcionamento da sociedade, sobretudo tendo em conta que essa presença não é somente positiva na nossa vivência.

Passemos agora a analisar o modo como a religião é representada na obra, já não em termos simbólicos, mas na sua dimensão mais institucional. Como todas as obras que temos vindo a analisar, a ideia principal é que a religião se trata de uma forma de manipular e controlar a população, uma ferramenta para quem está no poder obter o que deseja. É, acima de tudo, uma superstição que leva a atos irracionais, ou uma justificação para outros atos que não o podem ser de outra forma:

“So-called Christianity, as it existed up until recently, is based on a big lie,” Ted explained. “The most successful conspiracy of all time. And it was all summed up in the symbolism of the cross. Every cross you see on a mainstream church, or worn as jewelry, or on a rosary or what have you, is another repetition of that lie.”

“And what is that lie exactly?” Phil asked. He already knew. But he and the others all wanted to hear a living human actually say it, just as spectacle.

“That Jesus was crucified.” (Stephenson, 2019, p. 315)

Como vemos, a religião é essencialmente uma forma de burla, perpetrada durante séculos, para que o clero (e quem lhe está associado) possa obter posses económicas, o que nada está relacionado com a elevação de espírito e despojamento material que seria de esperar de alguém com um cargo na Igreja. Para mais, esta tendência para o engano terá aumentado ao longo dos anos, utilizando a tecnologia para facilitar a obtenção de novos membros para o culto. Esta é aqui representada como uma mais-valia para a religião, podendo fazer com que obtenha mais membros, cada vez mais eficazmente, apesar dos objetivos dessa atividade ser mais egoísta do que possamos imaginar. A religião utiliza os meios agora existentes para cada vez mais se infiltrar na vida dos seus seguidores, não possuindo uma doutrina firme, aparentemente moldando o que prega de forma a dizer o que cada humano individualmente quer ouvir, criando uma “echo chamber” que, em última análise, trará mais doações e poder à instituição:

“My goodness. Religion as such—as it has existed and flourished for thousands of years—doesn’t stand a chance.”

“Why doesn’t it stand a chance?” Sophia asked. “Can you elaborate? Remember, my friends didn’t see . . . what I saw.”

“Well, most religions add a supernatural overlay, something fantastical and imaginative, to the physical reality that everyone sees. Everyone sees the lightning bolt; religion adds the Zeus, standing on a mountain and hurling it. And if you are a Bronze Age shepherd of low to middling intellect and little imagination, well, that is a mind blower right there—the charismatic priest who can tell you that story with panache is really onto something, career-wise. Mutatis mutandis, same goes for other religions. They had a monopoly on the fantastical. Science fiction and fantasy combined with a revenue model.”

“Revenue model?” Julian asked sharply.

“Sacrifices, tithes, donations to 501(c)(3)s.”

“Gotcha.” (Stephenson, 2019, p. 383)

A religião no futuro funcionaria um pouco como uma empresa. O objetivo não será salvar os seus seguidores, dar esperança para uma vida melhor ou resolver problemas éticos. A função basilar da religião é obter lucros. Tudo isto vai ao encontro da corrente de crítica capitalista que discutimos acima. A tecnologia, que supostamente permitiria ao ser humano uma nova forma de abordar o mundo, a sociedade e a si mesmo, acaba aqui por promover os problemas pré-existentes na sociedade. Se a religião, na concepção de Stephenson, é uma forma de explorar a população, permite igualmente que essa exploração seja feita de forma mais eficaz e rápida. Se temos atualmente um problema de extremismos políticos, esse problema é também exacerbado pela tecnologia que cria ambientes livres para que ideias disruptivas sejam ouvidas e propagadas; “echo”chambers” personalizadas para cada indivíduo, promovendo as suas crenças e introduzindo novas ideias possivelmente mais extremas. Um tema como o “gun control”, controverso atualmente nos Estados Unidos, é revestido por uma imagética cristã e apresentado aos crentes até que estes acreditem piamente nisso:

“If we don’t, they’ll have to stone us to death,” Sophia explained. “And according to their interpretation of Leviticus, the modern equivalent of stoning people is shooting them.”

“Oh, I get it,” Phil said. “Because bullets are like little rocks.”

“Exactly. And a gun is just a modern labor-saving device that makes it easier to throw the little rocks really fast. Basically, to them, every reference to stoning in the Bible is a sort of dog-whistle reference to guns.” (Stephenson, 2019, p. 306)

Um pouco como a tecnologia que permite derrotar o medo da morte, mas potencia novos receios, a tecnologia que permitiria qualquer indivíduo obter informações corretas e neutras permite, concomitantemente, que esses mesmos indivíduos sejam sistematicamente enganados.

Apesar de todas as ambições transhumanistas que são hoje promovidas e desenvolvidas, o questionamento acerca do *uploading* e das suas repercussões, religiosas ou não, demonstra que uma transcendência tecnológica trará consigo novos problemas e consequências inesperadas. A tecnologia pode permitir novas atividades e derrubar barreiras físicas, contudo os problemas que se encontram presentes na

sociedade continuaram a existir: velhos medos serão substituídos por novos, desigualdades serão substituídas por piores, e o mau uso da crença e da fé da população será substituída por uma forma mais sistemática e abrangente de controlo. Num mundo cada vez mais tecnológico, Stephenson argumenta que os problemas não podem ser eliminados apenas com o uso de tecnologia, e que há uma necessidade de questionar as nossas concepções de vida, morte e o que pode estar para além de ambas, tendo em conta o transhumanismo e os seus projetos.

Conclusão

No século XIX, John William Draper, com *The History of The Conflict between Religion and Science*, e Andrew Dickson White, com *History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*, escreviam que a religião pretendia derrubar a ciência em prol dos seus próprios interesses, tentando minar o desenvolvimento científico de forma sinistra, como, afirmam os autores, desde sempre a Igreja pretendeu fazer. Esta ideia propagou-se ferverosamente dentro dos círculos mais inclinados para a ciência e entre aqueles que no seu seio pretendiam fazer carreira, embora a grande maioria dos argumentos dos dois autores iniciais se mostrarem falaciosos e propositadamente enganadores, pretendendo revelar uma “guerra” entre a ciência e a religião que deveras nunca existiu como tal.

Durante a primeira metade do século XX, quando a ficção-científica se formava como género tendo os seu primeiros sucessos e grandes autores, a ideia de oposição feroz entre estas duas dimensões da vida humana era o pano de fundo para muitas das representações e ideias que pelo género eram propagadas acerca da fé, da crença e do culto. Como já vimos, a religião era principalmente vista como um sinal de falta de desenvolvimento científico, pensamento acrítico e ligado à superstição. De igual modo, nessas narrativas, a religião era muitas vezes retratada como um meio através do qual uma determinada elite controlava a população e os seus crentes para alcançar os seus objetivos, normalmente muito desligados das aspirações divinas que utilizam para levar avante os seus objetivos.

Contudo, sabemos também que várias religiões em várias épocas históricas diferentes encaravam a ciência como um bem para a humanidade e para o próprio estudo da teologia. Ciência e tecnologia mantinham uma relação simbiótica, na qual uma e outra se promoviam mutuamente para objetivos diferentes, mas sempre ligados entre si. Esta ideia foi-se perdendo à medida que o pensamento iluminista adquiriu destaque e o desenvolvimento científico cresceu de forma exponencial, deixando para muitos a impressão de que a religião é um artefacto inútil do passado, apenas utilizado como uma ferramenta pelos que o sabem fazer. Apesar de tudo, como temos visto ao longo do presente texto, pelo menos no que toca à sua presença nas obras de ficção

científica, o seu percurso é mais complexo do que a simples afirmação de que a religião se assume como um sinónimo de superstição.

Este trabalho teve como objetivo estudar a religião, a sua presença e papel em três obras de ficção científica. O foco colocou-se sobre a continuação do percurso histórico que expliquei acima: como pôde um género movido pela ciência, furor tecnológico, possibilidades matemáticas e físicas, assim como biológicas e mecânicas, com uma tradição de desencontro e crítica da religião, manter uma relação tão próxima e constante com a mesma, ao ponto de nascerem tantas narrativas dentro da ficção científica que, seja através de uma breve menção, seja colocando-as como pedra de toque da narrativa, representam instituições e crenças que identificamos como religiosas?

Com *Lord of Light*, debruçamo-nos sobre a capacidade da religião de controlar a população, de manter uma certa ordem social e de a reforçar. A sua representação geral seguiu um pouco o que tínhamos já falado acerca dessa: a religião é uma ferramenta que a elite utiliza para alcançar poder e estatuto. Simultaneamente, sob a sua caracterização cínica da religião, fortalece-se a ideia de que os sentimentos por ela despertados são reais e verdadeiramente elevados, apesar de, por exemplo, Sam não ser capaz de os albergar. Os sentimentos que a religião permite àqueles que nela creem podem ser realmente manipulados por outrem de forma que façam o que pretende, mas isso só se deve à força e intensidade desses mesmos, algo que os torna de igual forma desejados e imprescindíveis.

Dune, na esteira da *New Wave*, tem uma disposição distinta, pelo menos na apresentação da religião e do seu papel na sociedade. Podemos ver que Paul e a restante elite política, incluindo a sua mãe, olham de forma condescendente para a religiosidade dos *Fremen*: novamente encontramos o discurso típico da ficção-científica. Nesta obra, o sentimento de esperança religioso é importante para uma coesão social e cultural, onde o objetivo prometido pela religião permite que a sociedade trabalhe em conjunto para o alcançar, e realizar feitos aparentemente impossíveis de alcançar. A religião em *Dune* resiste à manipulação, pois é um fenómeno imprevisível e volátil; Paul, colocando-se como messias dessa mesma religião, traça um futuro repleto de violência e morte,

sem que seja possível dele desviar-se, pois a crença não pode ser assim tão facilmente quebrada, ainda que por vezes explorada.

Neal Stephenson em *Fall; or, Dodge in Hell* trata da aparente e comum promoção de um sentimento de superioridade da ciência e do pensamento científico em relação à religião. Para o autor, a religião é alimentada essencialmente pelos extremismos e pela falsa informação com o propósito único de angariar recursos económicos para as instituições que a regulam.

Procuramos estudar a transcendência na obra, relativamente a conceitos relacionados com o *uploading* e o tranhumanismo. A ciência tenta resolver o problema da morte, assim como a religião desde o seu surgimento, o que, como vimos, nem sempre evita as consequências negativas. A religião e a ciência intercetam-se na promessa de uma vida após a morte, o que faz com que as atitudes relacionadas com a ciência se aproximem mais da crenças e fé do que do pensamento crítico, para mais, a ciência ao longo da obra não se conseguiu afastar de linguagem mística e religiosa para discursar acerca dos problemas de transcendência, ainda que secular. O mundo virtual, este sim muito distante da religiosidade, habitado por seres nunca considerados pela teologia e de complicada conceção permanece impregnado de imagens e narrativas cristãs, demarcando a incerteza se os seres humanos algum dia conseguirão verdadeiramente ser totalmente seculares.

Podemos agora tirar conclusões gerais acerca do papel da religião nestas três obras, e de que forma essas se integram no que vemos no mundo de hoje. Em primeiro lugar, podemos admitir que a visão negativa da religião como oponente da ciência mantem-se sempre, ainda que com mais ou menos força, em todas as obras. E isso espelha-se na atitude ainda atual, originada no século XIX: cada vez mais vemos nos *media* e redes sociais o uso abusivo de autoridade religiosa para fins materiais ou políticos. Já estas obras avisavam para esse perigo, e, como demonstra Neil Stephenson, como os extremismo e influência política da religião em campos não religiosos tenderá a aumentar, algo que, se observarmos com atenção, já tem algumas provas que concordam com essa acessão. Ainda que a sociedade secular recuse a crença na religião e nas suas promessas, a crença nas capacidades infinitas da ciência por vezes assemelha-

se à fé cega que a comunidade científica critica. Podemos ver que a ciência tem a função de terminar com a religião, já que a necessidade da religião como sistema explicativo do mundo terminará quando for plenamente substituída pela primeira, quando esta forma capaz de explicar todos os fenómenos que ocorrem no universo em que nos inserimos de forma total e inexorável.

Se observarmos as obras que fomos analisando, podemos começar por questionar este último pressuposto. Em todas as obras vemos que a religião nunca desaparece, seja no futuro, seja numa realidade virtual. Os novos desenvolvimentos científicos não terminaram com a religião, antes, alteraram a forma como essa interage com a sociedade, como a crença se desenvolve e como a fé é experienciada. Como vemos em *Fall*, as novas tecnologias apenas impulsionaram uma vivência religiosa mais constante e que permeia toda a tecnologia. No fundo, o argumento é que a religião é sempre relevante para o mundo, a sua hipótese explicativa evoluiu com a tecnologia, o que previne um “God of the gaps”. A religião pode ser guiada pela ciência, e, até certo ponto, podemos argumentar que a tentativa de eliminar a morte foi guiada inicialmente pela religião.

Outro argumento que vemos ao longo das obras é o da irrefutável ciência capaz de resolver qualquer problema. O que constatamos é que a ciência é realmente capaz de solucionar os problemas a que se propõem, no entanto, as consequências dessas soluções não são muitas vezes positivas, criando mesmo mais problemas do que teríamos anteriormente. Para além disso, temos de ter em conta a componente humana da tecnologia, por outras palavras, a tecnologia para funcionar necessita de quem a utilize. O que vemos em *Lord of Light* é como a tecnologia, por muito desenvolvida que possa ser, tem sempre a capacidade de ser mal utilizada e propagar injustiças e problemas que se propôs a resolver. Mesmo em *Fall*, a curar a morte trouxe outros problemas, não resolvendo injustiças sociais e económicas, tornando-as, inclusive, mais visíveis. E curando a morte, fez com que a humanidade temesse agora perder essa vida pós-morte que tanto ambicionara.

Ao estudar literatura de ficção científica é inevitável que a relação entre religião e ciência seja vista como antagónica e que dessa forma olhemos o mundo para lá da

religião através dessa lente. No entanto, é importante que seja estudado a forma como essas podem desenvolver uma relação simbiótica na sua representação na cultura e política, observando o passado e, mais importante ainda, o presente. A linha entre entretenimento e religião é cada vez mais difícil de definir, como Jeff Somers explica no seu artigo *The Dark Side of Megachurches*, as chamadas “megachurches”, devido à dimensão gigantesca dessas igrejas, tomam proveito das novas tecnologias, como smartphones, internet e televisão, para transmitir aos seus membros os sermões e outros espetáculos que nessa se realizam. Transmissões de concertos seguidos de um sermão, onde os membros podem doar cada vez mais facilmente através do QR code disponibilizado pela igreja, onde esses podem também encontrar uma comunidade com milhares de pessoas com quem partilham a sua crença. Matt King, no seu artigo *The Ping to Prayer*, destaca várias aplicações que auxiliam nos rituais muçulmanos, lembrando orações e as suas devidas horas, encontro entre a tradição religiosa e a tecnologia. As várias aplicações de smartphone permitem aos crentes acesso facilitado a grupos com quem rezar, algo importante no Islão, assim como ferramentas que permitem regular os períodos de reza em casos de mudança de horários. As novas tecnologias conjugam-se aqui com a tradição de forma a moldar cada vez mais a religião à vida individual. Esta convergência entre a religião e a ciência pode e deve também ser estudada futuramente, contrabalançando pontos de vista como os que foram explorados ao longo desta tese.

A relação entre religião e ciência irá ser sempre mais complexa do que este género pode transmitir, mesmo devido à inclinação pró-ciência que lhe é inerente. No entanto, estas mudanças revelam uma evolução na atitude que tem vindo a ser desenvolvida desde a *New Wave*. O interesse que encontramos no que toca a este tema com a ficção científica está, especialmente, na especulação acerca de como a tecnologia futura influenciará as nossas crenças e instituições religiosas.

Bibliografia

Bibliografia primária

- Herbert, F. (2019). *Dune*. Ace Books. (Original work published 1965)
- Stephenson, N. (2019). *Fall, or, Dodge in Hell*. The Borough Press.
- Zelazny, R. (2009). *Lord Of Light*. Orion Publishing Co. (Original work published 1967)

Bibliografia secundária

- Ahlberg, S. (1986). *Messianic Movements*. Almqvist & Wiksell International .
- Alexandre, L., & Besnier, J.-M. (2018). *Do Robots Make Love? : From AI to Immortality - Understanding Transhumanism in 12 Questions*. Cassell.
- Almond, P. C., & Firm, B. (2016). *Afterlife :A History of Life after Death*. I.B. Tauris & Co. Ltd.
- American megachurches are thriving by poaching flocks*. (2023, August 26). The Economist. <https://www.economist.com/united-states/2023/08/24/american-megachurches-are-thriving-by-poaching-flocks>
- Bono, J. J. (1995). *The Word of God and the Languages of Man*. University of Wisconsin Press.
- Brooke, J. H. (2014). *Science and Religion: Some Historical Perspectives*. Cambridge University Press.
- Carrithers, M. (2001). *Buddha : A Very Short Introduction*. Oxford, Oxford University Press.
- Chernyshova, T. (2004). Science Fiction and Myth Creation in Our Age. *Science Fiction Studies*, 31(3), 345–357. <http://www.jstor.org/stable/4241282>
- Chu, S.-Y. (2011). *Do Metaphors Dream of Literal Sleep?* Harvard University Press.
- Coleman, J. W. (2002). *The New Buddhism: The Western Transformation of an Ancient Tradition*. Oxford University Press.
- Cole-Turner, R. (Ed). (2011). *Transhumanism and Transcendence: Christian Hope in an Age of Technological Enhancement*. Georgetown University Press.

- Cook, D. (2015). *Understanding Jihad*. University Of California Press.
- Cronon, W. (Ed). (1996). *Uncommon Ground: Rethinking the Human Place in Nature*. W.W. Norton & Co.
- Csicsery-Ronay, I. (2008). *The Seven Beauties of Science Fiction*. Wesleyan University Press.
- Cuevas, B. J. (2008). *Travels in the Netherworld*. Oxford University Press.
- Cusack, C. M. (2021). *Invented Religions: Imagination, Fiction and Faith*. Routledge.
- Dainton, B., Slocombe, W., & Attila Tanyi. (Eds). (2021). *Minding the Future: Artificial Intelligence, Philosophical Visions and Science Fiction*. Springer.
- Suvin, D (2016). *Metamorphoses of Science Fiction: on the Poetics and History of a Literary Genre*. Peter Lang. (Original work published 1979)
- Daston, L., & Park, K. (2001). *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*. Zone Books.
- Leeming, D. A. (Ed). (2010). *Encyclopedia of Psychology and Religion*. Springer.
- Ehrman, B. D. (2021). *Heaven and Hell: A History of the Afterlife*. Simon & Schuster.
- Evans, C. A., & Flint, P. W. (Eds). (1997). *Eschatology, Messianism, and the Dead Sea scrolls*. W.B. Eerdmans.
- Eyal, N. (2013, July 24). *The App of God*. The Atlantic.
<https://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/07/the-app-of-god/278006/>
- Ferngren, G. B., & Larson, E. J. (Eds). (2015). *The History of Science and Religion in the Western Tradition: An Encyclopedia*. Routledge.
- Ficek, J. L. (1959). The Paradox of the Fortunate Fall in Contemporary Theology. *Bulletin of the Evangelical Theological Society*, 2(3), 1–7.
- Frodeman, R. (2019). *Transhumanism, Nature, and the Ends of Science*. Routledge.
- Geraci, R. M. (2011). There and Back Again: Transhumanist Evangelism in Science Fiction and Popular Science. *Implicit Religion*, 14(2), 141–172.
<https://doi.org/10.1558/imre.v14i2.141>

- Glazier, J. W. (2017). Derrida and Messianic Subjectivity: A Hauntology of Revealability. *Journal for Cultural Research*, 21(3), 241–256.
<https://doi.org/10.1080/14797585.2017.1338600>
- Gregory, A. P. R. (2015). *Science Fiction Theology : Beauty and the Transformation of the Sublime*. Baylor University Press.
- Herrero, M. (2010). *Orphism and Christianity in Late Antiquity*. Walter De Gruyter.
- Holmes, R. (2010). *The Transcendence of the World: Phenomenological Studies*. Wilfrid Laurier University Press.
- Hrotic, S. (2014). *Religion in Science Fiction: The Evolution of an Idea and the Extinction of a Genre*. Bloomsbury Academic.
- James, E., & Mendlesohn, F. (Eds). (2003). *The Cambridge Companion to Science Fiction*. Cambridge University Press.
- Johnson, D. K. (2020). Identifying the Conflict between Religion and Science. *Socio-Historical Examination of Religion and Ministry*, 2(1), 122–148.
<https://doi.org/10.33929/sherm.2020.vol2.no1.06>
- Kennedy, K. (2022). *Frank Herbert's "Dune."* Palgrave Macmillan.
- Khatib, S. (2013). The Messianic Without Messianism. *Anthropology & Materialism*, 1(1). <https://doi.org/10.4000/am.159>
- King, M. (2015, February 27). *Can Technology Bring You Closer to God?* The Atlantic.
<https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/02/the-ping-to-prayer/386030/>
- Knott, K. (2016). *Hinduism: A Very Short Introduction*. Oxford University Press.
- Kreeft, P. (1996). *Ecumenical Jihad: Ecumenism and the Culture War*. Ignatius Press.
- Krüger, O. (2021). *Virtual Immortality: God, Evolution, and the Singularity in Post- and Transhumanism* (Jones, A., & Knight, P, Trans.). Transcript.
- List, J. (2009). "Call Me a Protestant": Liberal Christianity, Individualism, and the Messiah in "Stranger in a Strange Land", "Dune", and "Lord of Light." *Science Fiction Studies*, 36(1), 21–47. <https://www.jstor.org/stable/25475206>
- Livingstone, D. (2015). *Transhumanism: The History of a Dangerous Idea*. CreateSpace Independent Publishing Platform.

- Mcgrath, A. E. (2020). *Science & Religion: A New Introduction*. Wiley-Blackwell.
- Mercer, C. R. & Maher, D. F. (Eds). (2014). *Transhumanism and the Body: The World Religions Speak*. Palgrave Macmillan.
- Mercer, C. R. & Trothen, T. J. (Eds). (2015). *Religion and Transhumanism: The Unknown Future of Human Enhancement*. Praeger.
- Mercer, C. R., & Trothen, T. J. (2021). *Religion and the Technological Future: An Introduction to Biohacking, Artificial Intelligence, and Transhumanism*. Palgrave Macmillan.
- Merchant, C. (2013). *Reinventing Eden: The Fate of Nature in Western Culture*. Routledge.
- Merold Westphal. (2004). *Transcendence and Self-Transcendence: On God and the Soul*. Indiana University Press.
- More, T., Bacon, F., & Neville, H. (Eds). (1999). *Three Early Modern Utopias*. Oxford University Press.
- Moylan, T. (2014). *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Peter Lang. (Original work published 1986)
- Nahin, P. J. (2014). *Holy Sci-Fi!* Springer.
- Norman, K. J. (1977). Theology, SF, and Man's Future Orientation. In *Many Futures, Many Worlds* (pp. 237–259). Kent State University Press.
- Oliver, P. (2014). *Hinduism and the 1960s*. Bloomsbury Publishing.
- Pearce, B. (1973). Death and Presence: The Psychology of Death and the After-life . *Studies in Religion/Sciences Religieuses*, 3(2), 201–202.
<https://doi.org/10.1177/000842987300300221>
- Pilsch, A. (2017). *Transhumanism: Evolutionary Futurism and the Human Technologies of Utopia*. University of Minnesota Press.
- Pizzino, C. J. (2008). *Religion in Postmodern Science Fiction: a Case Study in Secularity* [Tese Doutorado]. <https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/24213/>
- Pye, M. (Ed) (1994). *The Continuum Dictionary of Religion*. Burns & Oates.
- Ranisch, R. & Sorgner, S. L. (Eds). (2014). *Post- and Transhumanism: An Introduction*. Peter Lang.

- Raulerson, J. (2013). *Singularities: Technoculture, Transhumanism, and Science Fiction in the Twenty-first Century*. Liverpool University Press.
- Reilly, R. (Ed.). (1985). *The Transcendent Adventure: Studies of Religion in Science Fiction/Fantasy*. Greenwood Press.
- Richard Hughes Seager, R. H. (2012). *Buddhism in America*. Columbia University Press.
- Roukema, A. (2021). The Esoteric Roots of Science Fiction: Edward Bulwer-Lytton, H.G. Wells, and the Occlusion of Magic. *Science Fiction Studies*, 48(144).
- Ruthven, M. (2012). *Islam: A Very Short Introduction*. Oxford University Press.
- Schneider, S. (Ed). (2009). *Science fiction and philosophy*. Wiley-Blackwell.
- Sharot, S. (1982). *Messianism, Mysticism, and Magic*. University of North Carolina Press.
- Shatzer, J. (2019). *Transhumanism and the Image of God: Today's Technology and the Future of Christian Discipleship*. InterVarsity Press.
- Shaviri, S. (2016). *Discognition*. Repeater Books.
- Sirius, R. U., & Cornell, J. (2015). *Transcendence: The Disinformation Encyclopedia of Transhumanism and the Singularity*. Disinformation.
- Small, E. (2001). Religious Institutions in Spanish Science Fiction. *Science Fiction Studies*, 28(1), 33–48. <http://www.jstor.org/stable/4240949%20>.
- Somers, J. (2021, September 5). *The Dark Side Of Megachurches*. Grunge.com. <https://www.grunge.com/596092/the-dark-side-of-megachurches/>
- Spencer, N. (2023). *Magisteria*. Simon and Schuster.
- Stout, D. A. (Ed). (2010). *The Routledge Encyclopedia of Religion, Communication, and Media*. Routledge.
- Sweeney, K. (2014). *American Afterlife: Encounters in the Customs of Mourning*. The University Of Georgia Press.
- Taliaferro, C., & Marty, E. J. (Eds). (2018). *A Dictionary of Philosophy of Religion*. Bloomsbury Academic.
- Taylor, M. C. (Ed). (1998). *Critical Terms for Religious Studies*. University Of Chicago Press.

Thiselton, A. C. (2014). *A Concise Encyclopedia of the Philosophy of Religion*. Simon and Schuster.

Wilcox, M.-E. (2018). *After Life*. Orca Book Publishers.